

SESSÕES DO PLENÁRIO

88ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 05 de dezembro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO NELSON LEAL

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Leal): Bom dia a todas, sejam muito bem-vindas à Assembleia Legislativa. É com grande satisfação que nós estamos aqui hoje com o Parlamento Feminista da Bahia.

Eu queria convidar para compor a Mesa a Sr.^a Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia, deputada Olívia Santana; a Sr.^a Vice-Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia, deputada Jusmari Oliveira; a Sr.^a Líder da Bancada Feminina da Assembleia, deputada Neusa Cadore; a secretária de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia, Julieta Palmeira; a Sr.^a Cônsul de Cuba, Milena Caridad Zaldivar Piedra; a Sr.^a Anabel Tetro de la Paz, deputada da Assembleia Nacional do Poder Popular de Cuba; a Sr.^a Leci Brandão, deputada estadual pelo estado de São Paulo; a Sr.^a Mônica Francisco, deputada estadual pelo estado do Rio de Janeiro; a Sr.^a Oficial de Projetos do Fundo de População das Nações Unidas, Michele Dantas; a Cacica Katia, liderança indígena tupinambá de Belmonte. (Palmas)

Registrar as presenças das nossas deputadas Fátima Nunes, Maria del Carmen e Kátia Oliveira. (Palmas)

Eu convido todos para escutarmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

Registrar as presenças das deputadas Fabíola Mansur e Mirela Macedo, além da nossa queridíssima vereadora Aladilce Souza, que nos abrilhanta com a sua presença.

Registrar a presença da nossa querida secretária de Relações Institucionais, Cibele de Carvalho, que nos abrilhanta com a sua presença, e a convido para fazer parte, aqui, da nossa Mesa.

(Lê) “Ontem, o dia foi dedicado a Santa Bárbara, que foi degolada em Nicomédia, na Turquia por professar a sua fé em Cristo.

Isso aconteceu no século IV da Era Cristã.

E passados mais de 2 mil anos, milhares de mulheres ainda são assassinadas no mundo apenas por manifestarem a sua preferência.

No Brasil, somente em 1932 as mulheres puderam votar e serem votadas.

Incrivelmente, quase 90 anos depois, as mulheres ainda ganham menos que os homens.

Quem decidiu isso?

Enquanto ainda ouvirmos que mulher é inferior e deve ser submissa, a luta continua contra um machismo que não é só constrangedor, mas sinal de um atraso secular que deveria envergonhar todo homem que nasceu do ventre de uma mulher.

E não digo isso por pura retórica: sou filho de uma mulher; sou casado com uma mulher; e tenho a benção de Deus de ser pai de três lindas mulheres - minhas três marias.

Não quero e não aceito que façam qualquer coisa contra elas. E se não quero discriminação, assédio, abuso, injustiça e intolerância contra minha mãe, minha mulher e minhas filhas, não aceito e não admito que se faça isso contra qualquer outra mulher.

As mulheres não estão disponíveis para serem assediadas. As mulheres não podem ganhar menos em funções iguais. Tem que haver equidade no acesso aos cargos públicos e às posições de comando. O homem não é superior em nada. Nem na dor. Aliás, muito menos na dor.

Portanto, quero dizer para vocês que o empoderamento feminino é decisivo na luta por uma sociedade mais justa, mais igual, mais inclusiva, mais de paz e menos intolerância.

Estão aqui parlamentares femininas, prefeitas, ex-prefeitas, vereadoras e mulheres representantes dos movimentos sociais. Continuem a luta, porque a vitória é certa.

A Bahia e a Assembleia Legislativa da Bahia muito se orgulham de sediar o primeiro Parlamento Feminista do Brasil, organizado e realizado pela Comissão dos Direitos da Mulher da Alba.

Por um mundo mais humano, livre de preconceitos, feminista, antirracista e pleno em diversidade, todo poder a vocês, mulheres.

Sem me alongar – e aqui quero, em especial, dar as boas-vindas às mulheres que não são baianas, que não têm a felicidade de viver aqui, nesta que é a melhor terra do mundo (palmas) –, quero frisar, em nome do conjunto dos deputados estaduais da Bahia, sobretudo das deputadas estaduais, o desejo de que se sintam em suas casas.

A partir do instante em que seus pés pisaram neste chão abençoado, esperamos que se sintam em casa na nossa boa terra.

Na Bahia de todos os santos, de todos os credos e todas as crenças, sintam-se acolhidas por uma terra de intensa religiosidade, de uma gente alegre, hospitaleira, que receberá todos com muito amor, tenho certeza. Eu quero convidar todas para participarem, como ensina Jorge Amado, da festa cotidiana da Bahia.

Vamos sorrir juntos diante da explosão de luz e do esbanjar de belezas que partem dos quatro cantos desta querida cidade do Salvador.

Vamos pasmar diante das riquezas barrocas das suas igrejas e do verde luxuriante dos seus vales; vamos nos encantar com a beleza de suas praias; vamos saborear a sua rica culinária.

Deliciem-se com um acarajé no Rio Vermelho, onde tem para todo gosto: da Cira, da Dinha, da Regina.

Não deixem de provar o abará, o efó, o caruru, o vatapá, o xinxim de galinha e a moqueca fervendo no azeite dourado.

Vamos subir juntos as nossas íngremes ladeiras que levam ao conjunto arquitetônico do Pelourinho, hoje tombado como patrimônio histórico da humanidade.

Subam a colina do Bonfim para uma prece, sem antes deixar de passar pelo milagre vivo da primeira santa do Brasil - Santa Irmã Dulce dos Pobres.

Ela realizou um feito espantoso, inédito e miraculoso.

O milagre? Irmã Dulce transformou um mero galinheiro abandonado em um hospital, em uma das mais importantes obras sociais do país.

Vejam esse universo de encantos e beleza abrir-se para vocês.

Sintam-no. Vivam a Bahia.

Aqueçam-se no calor humano que ela generosamente distribui aos que a entendem e a amam.

Quando à noite, já cansadas, forem despertadas por um som surdo e agressivo, não se assustem, são os atabaques do Pelô ou dos terreiros que encham de mistério as noites baianas.

Estamos aqui para recebê-las de braços e corações abertos em nossa histórica cidade de São Salvador da Bahia.

Em suma, caras amigas, aproveitem das nossas belezas e hospitalidade.

Que os ares da Bahia sejam inspiradores para o resultado deste Parlamento Feminista.

Grande axé a todas!” (Palmas)

E eu, terminando aqui o meu pronunciamento, passo a presidência da Casa... da Casa! (Palmas) Eu passo a presidência dos trabalhos à minha querida amiga Olívia Santana.

Muito bem-vindas. Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Vamos atrás da caneta do presidente. Eu preciso dessa caneta na minha mão hoje.

Bom dia a todas as mulheres que aqui estão.

Eu quero dizer, primeiro, da minha felicidade por estarmos abrindo o primeiro Parlamento Feminista da Bahia.

Quero, aqui, em nome da Constituição Federal, a constituição que declara que todas e todos são iguais perante a lei, em nome, portanto, de um princípio de estado laico e em nome de Elitânia da Hora, jovem assassinada, vítima de feminicídio,... (Palmas, muitas palmas)

(...) em nome dela e de todas as mulheres que perdemos, as potencialidades e inteligências que perdemos na Bahia nesses últimos 5 dias, e no Brasil, eu quero declarar instalado esse parlamento feminista, com muita emoção, com muita felicidade.

Agradecer às minhas companheiras deputadas estaduais que acreditaram nessa proposta que hoje é uma realidade. Quero, aqui, agradecer à deputada Maria del Carmen, companheira de primeira hora (palmas); à deputada Fabíola Mansur, também grande companheira (palmas); à deputada Fátima, nossa querida presidente da Comissão da Igualdade (palmas); à deputada Kátia, que também foi uma parceira.

Esse parlamento foi aprovado por unanimidade, e nós somos de partidos diferentes, mas entendemos que neste momento a luta é uma só, é a luta pela emancipação de todas as mulheres e pelo empoderamento das mulheres.

Por isso eu quero, aqui, saudar as minhas companheiras da Mesa Diretora do nosso primeiro Parlamento Feminista, a nossa companheira deputada Jusmari, que é também uma mulher de luta, de batalha, que é parte dessa instância desta Casa; saudar a deputada Neusa Cadore, que é a presidenta da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa da Bahia e que neste momento vai fazer... neste momento do Parlamento ela vai assumir a posição de nossa primeira secretária desta Mesa Diretora, assim como a nossa deputada Jusmari.

Nós três vamos dirigir os trabalhos da manhã, e as demais deputadas vão dirigir também os trabalhos da tarde da Mesa da assembleia feminista.

Então, eu quero, de imediato, já saudar todas as mulheres da Mesa, a nossa querida Mônica Francisco, nossa deputada estadual do Rio de Janeiro, que foi chefe de gabinete de Marielle Franco (palmas, muitas palmas), e na pessoa de Marielle Franco nós saudamos a resistência de todas as mulheres que aqui estão; saudar a nossa querida artista, sambista e política, deputada estadual de São Paulo, a nossa Leci Brandão, nosso ícone (palmas, muitas palmas), que traduz na música, na canção as nossas dores; saudar a nossa secretária Julieta Palmeira, secretária de Políticas para as Mulheres do estado da Bahia (palmas); saudar a nossa secretária Cibeles, que ocupa uma pasta importantíssima no governo também, que é uma pasta que sempre foi exercida por homens, mas ela furou esse cerco e conseguiu se estabelecer como secretária de Relações Institucionais e deu uma grande contribuição para a construção desse Parlamento Feminista. Eu agradeço a ela.

E eu agradeço à parceria com o governo do estado, secretária Cibeles, secretária Julieta; também à Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, que ajudou, que contribuiu com esse Parlamento; à Secretaria de Comunicação; à Secretaria de Ciência e Tecnologia. Essas são as instituições... além da Bahiagás, que também deu uma contribuição para este Parlamento, que é um somatório de diversas colaborações para que a gente conseguisse acolher, receber dignamente essas mulheres que aqui estão.

Quero dizer que as nossas deputadas federais Lídice da Mata e Alice Portugal mandam o seu abraço para o nosso Parlamento. Elas não estão aqui porque estão lá, defendendo as nossas pautas, defendendo as nossas agendas de transformação social, porque tem sessão no Congresso Nacional. Nós sabíamos que, ao colocar na quinta-feira, correríamos esse risco, mas nós temos certeza de que estamos aqui sintonizadas.

Deputada Anabel, do Parlamento cubano, que fez uma longa viagem para estar aqui conosco; Michele, você que é do UNFPA, que também colabora. E temos Cuba e temos o México como experiências, que são as melhores experiências da América Latina em termos de participação de mulheres nos espaços, no Parlamento. Portanto, eu agradeço à nossa deputada, assim como à nossa cônsul de Cuba por estarem aqui.

E vamos passar também a saudação da nossa deputada mexicana que não conseguiu chegar aqui para estar conosco, mas mandou também uma saudação em vídeo.

Então, nós agradecemos a todas vocês. (Palmas)

E antes que a nossa deputada Neusa Cadore possa fazer a leitura do Regimento do Parlamento Feminista, nós vamos completar esse momento de abertura ouvindo uma das maiores vozes de mulher de força, de mulher comprometida com a agenda da emancipação das mulheres, que é a nossa grande cantora, grande artista Margareth Menezes. (Palmas)

A Sr.^a Margareth Menezes: Bom dia, gente. É uma grande honra para mim, viu? (Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a Margareth Menezes: Muito obrigada. É uma grande honra para mim.

Quero saudar a todas, à querida Olívia Santana e Leci Brandão que, para nós, é um tesouro, é uma mulher que abriu caminhos para nós.

Muito obrigada, Leci, por tudo.

Desculpa quebrar o protocolo, mas eu precisava falar essas coisas. Um abraço a todas e boa sorte, gente!

Agradecer também, aqui, ao músico Jackson Almeida.

Obrigada a todos.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada Margareth, que acabou de lançar essa música em seu novo CD, e com certeza nós vamos usá-la também como hino de afirmação dos direitos das mulheres.

Lugar de mulher é onde ela quiser!

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Dito isso, quero imediatamente passar a palavra para a nossa deputada, primeira-secretária do Parlamento Feminista, para que ela possa ler o regimento do nosso parlamento.

A Sr.^a NEUSA LULA CADORE: Sejam todas muito bem-vindas.

Quero saudar, com muita satisfação, essa Mesa. Faço essa saudação na pessoa da presidente da Comissão dos Direitos da Mulher, a deputada Olívia Santana. Saúdo também as valorosas presenças vindas de vários espaços, que enriquecem muito esse momento.

Mas, vou passar logo à leitura desse projeto de resolução que (lê) *“Dispõe sobre o Regimento do 1º Parlamento Feminista no âmbito da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.*

‘Quando uma mulher ingressa na política transforma-se a mulher, quando muitas mulheres ingressam na política transforma-se a política.’ Michelle Bachelet.

A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 71, inciso I, da Constituição Estadual, resolve adotar o seguinte:

Regimento do 1º parlamento feminista

Título I

Do Parlamento

Capítulo I

Disposições Preliminares

Art. 1º O Parlamento Feminista é uma iniciativa da Comissão dos Direitos da Mulher com vistas a promover a participação das mulheres na política e ocupação de espaços estratégicos de tomada de decisões.

Art. 2º São objetivos do Parlamento Feminista:

I - Estimular o exercício da atividade parlamentar entre as mulheres;

II - Construir, em parceria com instituições governamentais, a sociedade civil e os movimentos sociais - em seus mais diversos grupos de interesse - propostas para combater atitudes e mecanismos inibidores da participação das mulheres na política;

III- Propor a formulação e implementação de políticas públicas para o enfrentamento ao déficit de representatividade e participação feminina nos parlamentos;

IV- Defender os direitos das mulheres ao acesso e condições materiais para concorrência digna ao mandato parlamentar, bem como propor medidas para garantir condições plenas e igualitárias de atuação;

V - Combater o sexismo institucional baseado na cultura do machismo e na construção de bases políticas distintas para homens e mulheres;

VI- Debater e propor iniciativas de promoção da autonomia econômica das mulheres, bem como apresentar medidas de combate às discriminações e de todas as formas de violência de que são vítimas.

Capítulo II

Da Mesa Diretora

Art. 3º A Mesa Diretora do Parlamento Feminista será composta pela Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher, Pela Presidenta da UNALE e Pela Presidenta da Bancada Feminina da Assembleia Legislativa da Bahia.

Art. 4º São atribuições da Presidenta do Parlamento Feminista:

I - dirigir os trabalhos do Parlamento;

II - designar a Relatora do Parlamento;

III- dar execução às deliberações do Parlamento;

IV- Solicitar ao Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia os serviços de funcionários para auxiliar a realização das atividades técnicas e operacionais do Parlamento;

V - conceder a palavra aos membros do Parlamento, inclusive representantes da sociedade civil;

VI- controlar o tempo de fala das oradoras;

VII- iniciar e encerrar o Parlamento.

Título II

Da matéria

Capítulo I

Pauta do Parlamento

Art. 4º O Parlamento Feminista deliberará sobre os seguintes pontos de pauta:

- I - o papel da mulher na política e nos partidos políticos;*
- II - financiamento de campanha das candidaturas femininas;*
- III- cota para as mulheres nas chapas proporcionais, rumo à paridade;*
- IV- condições plenas e igualitárias de atuação das mulheres no parlamento e demais espaços políticos; e*
- V - autonomia econômica, protagonismo político e o fim da violência contra as mulheres.*

Capítulo II

Das Proposições

Art. 5º Proposições que poderão ser aprovadas pelo Parlamento Feminista:

- I - Regimento do Parlamento Feminista;*
- II - Manifesto de defesa da paridade no parlamento e defesa das cotas eleitorais e do financiamento de campanha.*

Art. 6º Proposições que poderão ser aprovadas pelo Assembleia Geral do Parlamento Feminista:

- III- Projeto de Lei;*
- IV- Indicativo*
- V - Projeto de Resolução*
- VI- Moção*

Parágrafo Único: Todas as proposições referidas no caput, quando apresentadas, deverão ser aprovadas por contraste ou maioria simples, quando for necessária a contagem.

Título III

Da programação

Capítulo I

Formação da Mesa e Pronunciamento

Art. 7º A Presidenta do Parlamento Feminista convidará os membros da mesa, conforme relação aprovada pela Comissão dos Direitos da Mulher;

Art. 8º Cada membro da mesa terá até 07 (sete) minutos de pronunciamento, considerando os pontos de pauta definidos neste regimento.

Art. 9º Após os pronunciamentos dos membros da mesa, a Presidenta autorizará a manifestação de até 10 (dez) representantes da sociedade civil, previamente definidos pela Mesa Diretora do Parlamento.

Parágrafo Único: Os membros da sociedade civil, com direito a fala, terão até 03 (três) minutos de pronunciamento cada.

CAPÍTULO II Deliberações

Art. 10 Após pronunciamentos, a Presidenta concederá a palavra para a Relatora da proposição a ser aprovada.

Art. 11 Não havendo manifestação contrária, a proposição será submetida à votação.

Art. 12 Durante o regime de votação não é permitida aparte e nem questão de ordem.

Art. 13 As proposições aprovadas pelo Parlamento Feminista serão enviadas para ajuste técnico e encaminhamento da Comissão dos Direitos da Mulher.

Art. 14 Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 05 de dezembro de 2019.

Olívia Santana

Presidenta da Comissão dos Direitos da Mulher.”(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Só uma questão de ordem. Tem dois equívocos no regimento: o primeiro é que a Mesa Diretora é composta por mim, pela deputada Neusa Cadore e pela deputada Jasmari. A deputada Ivana está em viagem ao exterior, está de licença e, portanto, a redação já deveria ter feito essa mudança.

A segunda questão é que as inscrições para o parlamento são livres e não pré-determinadas pela Mesa Diretora. (Palmas) O parlamento é democrático. É democrático. As mulheres que querem se inscrever para falar vão levantar a mão e vamos liberar o direito de fala até às 12 horas, para que a gente tenha espaço para poder fazer as votações. Então, o máximo de mulheres que puderem falar até esse horário, nós deixaremos. O direito à palavra estará assegurado.

A situação do tempo é que uma fala e escuta a outra. Então, fazemos um apelo, porque nós falamos, somos bem falantes, nós, mulheres, homens... Essa é a cultura nacional. Mas aqui vamos fazer um exercício – que sei que é difícil – para que respeitemos os 5 a 7 minutos da Mesa e os 3 minutos da plateia, para que mais mulheres possam falar e possam ser ouvidas. O.k.? Pode ser assim? Algum destaque? Deputada Fátima? Então, as mulheres que aprovam permaneçam como estão. (Pausa) Aprovado.

De imediato, para colaborar com o tema que já foi estruturado aqui em relação ao empoderamento das mulheres na pauta, quero chamar a secretária Cibele, secretária de Relações Institucionais, para que ela possa fazer uso da palavra. Inclusive, representando o governo do estado nesta ocasião.

Companheiras, desculpem. Gostaria de chamar a nossa jovem, querida ativista de mídia Dríade Aguiar, que representa o Ella - Encontro Latino-Americano e Caribenho de Mulheres para também compor a nossa Mesa, por favor. Desculpe secretária, apenas 1 minuto. E quero chamar as deputadas da Bancada Juntas. São cinco mulheres que se uniram para conquistar um mandato de deputada, é uma experiência inovadora. Chamamos, portanto, a nossa Robeyoncé para fazer parte da nossa Mesa, (palmas) para que as mulheres trans e as mulheres de diversas orientações sexuais também se sintam representadas no nosso parlamento. E vamos ouvir essa estratégia de articulação política para conquista de espaço de poder.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Deputada Cibele com a palavra.

A Sr.^a CIBELE OLIVEIRA DE CARVALHO: Secretária Cibele! (Risos)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Secretária Cibele.

A Sr.^a CIBELE OLIVEIRA DE CARVALHO: Bom dia, mulherada! Gente, olhe, eu tenho 3 minutos para falar.

Gostaria de cumprimentar a presidente da Mesa, a deputada Olívia Santana, em nome de toda a Mesa, em nome de todas as mulheres, como presidente da Comissão dos Direitos da Mulher, em nome de toda a Mesa Diretora, das visitantes, das deputadas que estão aqui, prefeitas, ex-prefeitas, vereadoras, lideranças, lideranças sociais, lideranças políticas.

E quero dizer o seguinte: hoje estou como secretária de Relações Institucionais do governo do estado da Bahia e é um desafio enorme. É a primeira vez que uma mulher assume a articulação política em nosso estado. Já estive como prefeita – porque fui prefeita em Rafael Jambeiro – e logo após fui assumir a chefia de gabinete da Secretaria de Meio Ambiente. Fui assessora-chefe de Jaques Wagner e agora estou como secretária.

As pessoas que me conhecem sabem que tem um tom bastante desafiador em mim. Eu aceito o desafio porque acho que o que a nossa querida Margareth Menezes... A música foi perfeita, e no final diz: “mulher, mulher, mulher, o meu lugar é onde eu quiser.” Então, se eu quero estar aqui, eu luto por estar aqui. Nós precisamos, todas juntas, lutarmos porque o lugar da mulher é onde ela quiser, onde nós quisermos. (Palmas)

Na Bahia, hoje, de 417 municípios, temos 54 prefeitas e 56 vice-prefeitas. Temos, aqui na Casa, num total de 63 deputados estaduais, 10 mulheres; num total de 39, são 2 mulheres deputadas federais; num total de 4.494 vereadores, 505, aproximadamente, são mulheres. Em todo o Brasil nós temos uma governadora.

Precisamos, sim, lutar pela cota das mulheres, mas também precisamos incentivar a participação das mulheres na política, encorajá-las. Quem puder fazer esse trabalho, quem puder contribuir, é muito importante. Porque eu também sinto essa dificuldade quando, no meu município, me candidato a prefeita e vou buscar companheiras para serem candidatas a vereadoras. Sinto dificuldade, mas é também pelo histórico de machismo que existe no nosso sistema brasileiro e baiano.

Não pensem vocês que eu não enfrento muito machismo na posição onde estou, porque eu enfrento. Agora eu também vou para cima! Na hora da serenidade, tem serenidade, se procurar briga, tem briga. (Palmas) Então é assim.

Gostaria de dizer que estou extremamente envaidecida de estar aqui neste momento. Quero parabenizar a iniciativa de vocês, da Comissão dos Direitos da Mulher, em implantar, instituir o Parlamento Feminista da Bahia, que foi aprovado por unanimidade. E espero que dê continuidade e que a gente avance no tema, que a gente avance no empoderamento e que avance também no encorajamento da participação das mulheres na política. Porque as estatísticas da participação da mulher na política, realmente, são muito baixas.

Mas o reflexo desse machismo que também, ultimamente, tem sido incentivado, com sexismo, com misoginia, nós temos... Estamos na resistência, estamos na resiliência e precisamos combater.

Então, toda a mulherada que está aqui tem esse perfil, mas precisamos achar agentes multiplicadores dos nossos perfis para mudarmos a história do machismo no Brasil e na Bahia.

Um grande abraço. (Palmas)

Agora, gente, vou me despedir de vocês porque vou para um encontro com o ministro da Secretaria de Governo da Presidência da República, com o governador Rui Costa. A gente vai tratar de ações prioritárias do governo da Bahia e estarei lá representando, como secretária de Relações Institucionais...

A Sr.^a Maria del Carmen Lula: Hoje mais empoderada.

A Sr.^a CIBELE OLIVEIRA DE CARVALHO: (...) hoje mais empoderada. Isso mesmo, deputada...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) representando lá. Estarei lá, mas com meu coração aqui, e quero acompanhar tudo.

Parabéns! Conte comigo, mulherada. Beijos. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, secretária Cibeles, pela sua importante contribuição. Sabemos que onde quer que a senhora esteja estará representando todas nós.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo imediatamente a palavra à nossa Dríade Aguiar, que representa o Encontro Latino-Americano de Mulheres e que contribuiu muito para que este Parlamento Feminista pudesse existir, não só na Bahia, mas também na versão que aconteceu na Argentina. Quando falei para ela: “Quero levar isso para a Bahia, vamos fazer na Bahia”, ela topou de imediato.

Quero agradecer a Dríade e a todas as mulheres, à juventude, que colaram muito fortemente nessa experiência.

Por favor, a palavra é sua.

A Sr.^a DRÍADE AGUIAR: Boa tarde, manas! Uso esse termo, manas, para irmanar a gente, para colocar a gente juntas nesse espaço.

Quero falar e me dedicar a essa fala, porque o Ella, Encontro Latino-Americano de Feminismos nasceu porque mulheres no Brasil e na América Latina, mulheres da cultura, da comunicação, da juventude, mulheres negras, mulheres travestis, enfim, nós, mulheres, não nos sentíamos ouvidas, e precisávamos sentar para ouvir umas às outras na América Latina.

No ano passado, na nossa quarta edição, quando fomos para La Plata, na Argentina, depois de ter passado pela Bolívia, depois de ter feito no Brasil, depois de ter feito na Colômbia, quando chegamos à Argentina, conseguimos reunir mulheres eleitas entre nós e sentar para debater (palmas) o que seria um parlamento feminista, o que são leis feministas, o que significa quando a lei é feita por nós e para nós, mulheres.

Nós, mulheres latino-americanas de mais de 26 países que constroem o Ella, no ano passado conseguimos nos reunir e, juntas, parimos o Parlamento Continental Feminista. (Palmas)

Quando Olívia saiu de lá, assim como várias parlamentares brasileiras decididas a trazer para cá, para o Brasil, percebemos que a primeira edição estadual do parlamento seria na Bahia e vimos que a coisa estava indo para o lugar certo. Percebemos que o Brasil e as mulheres brasileiras, acima de tudo, tinham entendido que não só lugar de mulher é na política, mas se não formos nós fazendo, ninguém vai fazer por nós.

Estou agora extremamente emocionada por olhar para essa Mesa Diretora e ver que é a Olívia que está aqui dirigindo, mas isso não é de graça. Ninguém nos convida para esse lugar, nem para lá, nem para cá. Ninguém convida mulheres negras, ninguém convida as travestis, ninguém convida as bi, as lésbicas, ninguém convida a juventude, ninguém convida mulher nenhuma para a construção política. Nós entramos sem pedir licença. (Palmas) E é justamente por isso que eu quero aproveitar também esse espaço para falar o nome das mulheres latino-americanas que construíram esse lugar e que infelizmente não puderam estar aqui. Eu estou humildemente as representando.

Então, esse momento, esse lugar também é para Carolina, também é para Marielle, também é para Leniza, também é para Maria Claudia Russell, da Venezuela, também é para Catalina Rojas, da Colômbia. Também é para Susana Obando, da Bolívia, para Maria Rosário, da Argentina, que nos recebeu no ano passado. É para as mulheres que receberam a gente, também é para todas as mulheres que construíram esse espaço, mas que mais que nunca entenderam que política é coisa para mulher. Política só funciona quando a mulher está nela.

E vamos, através do Parlamento Feminista, construir esse espaço onde continentalmente nós, mulheres eleitas, mulheres da sociedade civil, vamos construir um lugar melhor para as mulheres dentro da política. Se não através do parlamento, com certeza através da Campanha de Mulher, que é uma iniciativa que a *Mídia Ninja* organiza e que, no ano passado, teve a honra de eleger 28 mulheres pelo Brasil. E entre elas Olívia Santana, a primeira deputada estadual negra da Bahia. (Palmas)

Falo isso muito emocionada não só porque, olhando para vocês aqui, vejo mulheres que cruzaram o caminho da campanha – temos a Leci, e a Mônica, que participaram desse momento também, e temos a Tainá, por exemplo –, mas porque, para mim, mulher negra e jovem, a política morreu um pouco quando mataram Marielle. Então, olhar para vocês e olhar o ao vivo e ver que tem tantas mulheres construindo esse espaço conosco, nos lembra que é possível. E só é possível porque nós estamos juntas.

Muito obrigada e um ótimo Parlamento Feminista para todas nós. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, muito obrigada pela palavra.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero já, de imediato,, também, chamar a nossa secretária de Políticas para Mulheres do Estado da Bahia, nossa secretária Julieta Palmeira, para que ela possa fazer uso da palavra.

Quero dizer às pessoas que estão no plenário que os microfones do plenário estão abertos para vocês. A Mesa só vai para o púlpito porque não há microfones para toda a Mesa. Então, quando vocês forem falar, vocês clicam como nós deputadas e deputados fazemos aqui. Vocês ligam o microfone e falam do plenário. O.k?

Neste momento, todas são deputadas, todas são parlamentares. (Palmas) Vamos exercitar esse poder.

Secretária Julieta.

A Sr.^a JULIETA PALMEIRA: Bom dia. Vamos lá, gente? Bom dia!

(Participantes da sessão:

Bom dia!

Eu queria, em nome do governador do estado, Rui Costa, trazer uma saudação. Saudar o Parlamento Feminista da Bahia, em especial, a Comissão de Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa, que tem à frente a deputada Olívia Santana e que, em parceria com a bancada feminina de modo geral da Assembleia Legislativa, com a presidente da Unale, tem levado adiante a construção desse Parlamento Feminista. É a primeira vez que temos aqui um evento desse porte.

Quero quebrar o protocolo para, em nome da deputada Olívia Santana e da deputada Jusmari, Neusa Cadore, Leci Brandão, Mônica... Tem mais alguma deputada aí na Mesa? Ah! A deputada cubana, Anabel, e a deputada... Como? E as deputadas Juntas. Saudar todas as deputadas que estão neste plenário, porque eu acho que, sem dúvida nenhuma, quando estamos falando em Parlamento Feminista temos exatamente que ressaltar essas representações, além das representações no espaço legislativo municipal. Temos aqui a vereadora Aladilce Souza, a quem cumprimento e que por sinal está sendo processada pelo prefeito ou pelo menos há a possibilidade de isso acontecer. A vereadora Marta Rodrigues e também a nossa presidenta da Câmara de Vereadores de Lauro de Freitas, que estão aqui presentes.

Temos prefeitas no plenário? Quem são as prefeitas que estão aí? Muito bem. Então, aqui temos... Quais as prefeitas aí, Cerimonial? Porque eu gostaria de citar. Sim, mas eu tiro a parte do meu... Então, a Gracinha, Maria das Graças, prefeita de Araçás, que representa todas as prefeitas presentes.

Fiz questão de fazer isso porque quando a gente faz o Parlamento Feminista a gente tem quer ressaltar que é muito decisiva a participação das mulheres na política.

Aqui na Bahia, em 7 dias, quatro mulheres sofreram feminicídio. Uma delas foi homenageada aqui no início dos trabalhos, mas são quatro, em 7 dias, por feminicídio. O que é que essa violência contra as mulheres... Quais são as causas dessa violência? Chegou a um ponto que virou uma questão de saúde pública, que afeta a vida das mulheres quando não lhes tira a vida pelo feminicídio. Isso pode virar uma pandemia.

Então, entendo que essa violência, essa cultura da violência que tem sido estimulada pelo autoritarismo federal – poderíamos chamar assim – tem efetivamente

impulsionado o que se constrói em torno do que essa sociedade brasileira está sustentada, que é...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) a questão do racismo, que é a questão do machismo, que é a questão da desigualdade social. E por isso a mulher negra é a principal responsável por isso, ou é a principal afetada por isso.

Queria dizer a vocês que quando falamos em Parlamento Feminista, estamos falando que, em uma democracia, as mulheres precisam romper a sub-representação feminina nos espaços de decisão. E essa sub-representação envolve um grande impulso neste ponto: não se evita que a mulher seja usada como laranja com a retirada das candidaturas femininas.

Ou seja, para se evitar que as candidaturas femininas sejam usadas como laranjas, é preciso, exatamente, avançar nas cotas, na paridade e no financiamento de campanha de mulheres. Se lugar de mulher é onde ela quiser, é preciso que o Estado promova esse impulso para que a democracia possa vingar.

Acho que uma das maiores bandeiras para se combater a desigualdade de gênero, com a qual se pode transformar a emancipação da mulher, é exatamente dar a celeridade histórica à presença das mulheres nos espaços de decisão, para que assim elas possam agir, enquanto feministas, enquanto mulheres, para serem, efetivamente, protagonistas do seu destino, da sua vida, porque é na política que se decide a vida.

Queria encerrar dizendo que estamos muito contentes por receber, aqui na Bahia, o Parlamento Feminista da Bahia. Saúdo todas as mulheres que estão aqui para discutir a participação feminina na política como fato decisivo para dar celeridade à equidade de gênero e à emancipação da mulher. Temos de ver dessa forma e, conseqüentemente, combater a violência, porque hoje não temos uma proteção efetiva às mulheres contra a violência de gênero.

Por isso, mais mulheres na política! Mais financiamento, mais incentivo à participação das mulheres na política! É isso que nós queremos, é isso que o governo do estado da Bahia vai encaminhar para unir governo e sociedade nessa grande batalha.

Um abraço a todos. Saudações ao Parlamento Feminista da Bahia! Saudações às delegadas do Parlamento Feminista da Bahia! Que a gente possa construir, aqui, o caminho para uma grande vitória das mulheres em 2020. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Convido para fazer imediatamente o uso da palavra a Sr.^a Oficial de Projetos do Fundo de População das Nações Unidas, Michele Dantas.

Estamos encaminhando um microfone sem fio para que as mulheres presentes à Galeria também possam se pronunciar. Estamos conectadas com vocês aí também. (Palmas)

A Sr.^a MICHELE DANTAS: Bom dia a todas e a todos.

Primeiro, gostaria de parabenizar e agradecer à Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia e à deputada Olívia Santana pelo convite. Estamos muito felizes em apoiar este evento.

É uma grande honra estar aqui hoje representando o Fundo de População da ONU. Gostaria de pedir desculpas porque a Sr.^a Representante Astrid Bant não pôde estar presente aqui hoje, mas manda os seus agradecimentos e a sua saudação.

Não por acaso este evento acontece no âmbito dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres. Infelizmente, acompanhamos, somente nas últimas duas semanas, quatro casos de mortes violentas de mulheres no estado da Bahia. É preciso fazer algo urgentemente. Precisamos garantir recursos para a proteção social, para a prevenção, o acolhimento, a justiça e a reparação. Também precisamos de campanhas públicas, conforme recomendação das Diretrizes Nacionais sobre Feminicídio.

A situação nacional de feminicídio e violência contra as mulheres demanda o fortalecimento de políticas de enfrentamento a esse quadro por meio de pleno funcionamento da rede especializada em todo o país. Nenhuma pessoa jovem deveria ter a sua vida abreviada por qualquer tipo de violência. Nenhuma mulher deveria ter a sua vida abreviada. É preciso fazer algo sobre isso urgentemente, e a representação de mais mulheres em espaços como este é fundamental nessa luta.

As Nações Unidas defendem a paridade de gênero, principalmente, no Parlamento. É uma das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5). No Brasil e na Bahia há avanço, mas ainda é lento. É preciso fazer mais, muito mais. Sabemos que uma mulher pode mover montanhas, mas juntas podem fazer muito mais. É com mais mulheres em espaços de poder, como no Executivo e no Parlamento, que conseguiremos garantir a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e jovens, para que assim possam viver livremente e com segurança. Isso é fundamental para garantirmos que todos tenham os seus direitos humanos, inclusive os seus direitos sexuais e reprodutivos.

Saúdo mais uma vez este evento e desejo que o resto do dia aconteça com sucesso.

Muito obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Michele, pela importante contribuição do Unfpa ao nosso Parlamento. E também estamos irmanadas com a secretária Julieta, entendendo que é fundamental constar no nosso documento – que será aprovado neste Parlamento – o fortalecimento financeiro das secretárias de políticas para as mulheres. Essas secretarias não podem ser simbólicas; elas precisam ter efetividade também no plano do financiamento.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): E agora convido, com muita honra, a nossa grande deputada estadual Mônica Francisco para dar a sua contribuição a este debate sobre o empoderamento das mulheres e o financiamento de campanhas. Mônica Francisco é deputada estadual do Rio de Janeiro. (Palmas)

Saúdo também o deputado Zó, que está presente.

A Sr.^a MÔNICA FRANCISCO: Saúdo a deputada Olívia Santana, primeira deputada estadual negra da Bahia. Isso demonstra o quanto que a gente tem de ocupar e colocar o pé na porta, porque, como disse a mana Dríade, não vão deixar a gente entrar. Vão continuar reforçando as crenças limitantes de que a gente não tem capacidade intelectual, de que a gente não tem capacidade de construção de projetos coletivos de sociedade.

Vão continuar dizendo que somos parte de uma pauta identitária específica. Por isso, temos de colocar o pé na porta, sim.

Saúdo este Parlamento Feminista... quando eu saí da Mesa, Dríade disse: “Eu sei que você vai chorar”. Estou aqui com a companheira Tainá de Paula, e este momento me lembra 30 de novembro de 2017, quando fizemos, capitaneadas por Marielle Franco, na Associação Brasileira de Imprensa – espaço branco da elite intelectual do estado do Rio de Janeiro – o Mulheres na Política, entendendo a necessidade de ocuparmos a política neste país.

Não haverá transformação desse projeto nefasto, desse capitalismo de barbárie, desse projeto que encarcera em massa, que em 48 horas matou quatro mulheres no estado do Rio de Janeiro... segundo dados da Fundação Getúlio Vargas, esse projeto garante aos homens brancos – os mesmos proprietários, latifundiários da política, ainda que estejam nos nossos partidos de esquerda, (palmas) aqueles que são mantenedores do *status quo* – 60 % dos investimentos do Fundo Partidário. São eles que têm a maior parte da dotação orçamentária.

Precisamos nos unir, manas, sim, contra a crença limitante que diz que disputamos entre nós. Neste tempo histórico em que fomos inseridas neste processo de luta, nós temos o dever moral, ancestral, de desfazer esse mito da disputa entre nós. Temos de disputar um projeto de sociedade no Brasil. (Palmas) O projeto da branquitude e do patriarcado faliu! Esse projeto faliu o mundo, exauriu as nossas reservas, acabou os nossos bens comuns, destruiu a expectativa e a perspectiva de futuro da nossa juventude e das nossas mulheres.

Eu, mulher preta, favelada, mãe de dois filhos, comecei a trabalhar, numa fábrica de tecidos, aos 14 anos e só entrei na universidade aos 38. É disso que estou falando. Esse adesivo que distribuí para algumas das manas foi o meu mote de campanha: *Não dá mais para fazer sem nós!*

É impossível um projeto de sociedade no Brasil e no mundo que não tenha a nossa cara, a nossa voz, o nosso jeito! (Palmas) É impossível um projeto político-partidário de sociedade! É impossível um Estado que não tenha e não respeite a nossa diversidade, a nossa forma de reprodução de vida. E também é impossível uma forma de fazer política, um mandato político de mulheres como nós, que não tenha, na reprodução do nosso fazer político institucional, a nossa marca. O nosso mandato quilombo Mônica Francisco tem 63% de mulheres e 70% de pessoas negras.

É impossível que a nossa retórica não seja traduzida na nossa prática política cotidiana, na nossa pauta. Apresentamos um projeto de lei que institui, no estado do Rio de Janeiro, o Programa Estadual Mulheres na Política e define o 30 de novembro

– data em que fizemos, com Marielle Franco, o Mulheres na Política – como o Dia Estadual de Mulheres na Política, com uma semana de atividades de fomento, no Legislativo e no Executivo, para que as mulheres sejam inseridas, com paridade na política de Estado, nas cidades, que é o local onde a nossa reprodução de vida se faz de modo concreto e real.

É impossível que os Parlamentos na América Latina e no mundo inteiro se mantenham assim. Não estamos mais no tempo dos aliados; já demonstramos que temos capacidade intelectual, que temos capacidade física, motora, intelectual para produzir um projeto de sociedade para todos. Nós, do mirante das nossas lutas e das nossas construções coletivas, temos um projeto de nação para o Brasil. É o momento de ocupar tudo; ocupar com o pé na porta! (Palmas)

(A plenária se manifesta: Mulher no poder! Mariele vive, hoje e sempre!)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nossa mãe, que fala potente e poderosa.

Eu quero convidar imediatamente a nossa Cacica Cátia para fazer uso da palavra. A voz de uma mulher indígena no nosso Parlamento Feminista.

A Sr.^a CACICA CÁTIA: Bom dia. Ai, ai...

Quero começar agradecendo. Eu me senti contemplada pelas falas das mulheres que falaram antes de mim. Se não tivesse aqui este momento – sou pequenininha, querida! –, eu já estaria contemplada.

Mas eu vim aqui apenas para dizer que nós mulheres não podemos, não devemos nos abater por ser mulher. Vivo isso no meu dia a dia.

Quero, de antemão, agradecer pela criação deste Parlamento. Deputada, muito obrigada, as mulheres tupinambás de Belmonte agradecem. Estou aqui em nome delas. Estou aqui para dizer que este é um espaço nosso. Neste momento, sem descrição de cor, de etnia, nós somos mulheres. E me sinto muito contemplada por estar aqui.

Acredito que temos aqui neste momento duas mulheres indígenas – se tem mais, é uma honra ter vocês aqui –, eu e a minha prima Candara. Mas quero dizer que a comunidade tupinambá de Belmonte – a qual represento, há 14 anos, como liderança, como cacica – até 2017 era autossuficiente, mas também anônima. Nós nos sentíamos contemplados por não dependermos, mas a comunidade tupinambá estava errada.

A partir de 2017, sofremos ataques, principalmente eu, por estar à frente de uma comunidade, e a cultura machista não aceita que uma mulher defenda uma nação indígena. (Palmas) Nação esta que tentaram matar, que tentaram esmagar. Neste momento, estou aqui para dizer, com muito orgulho, com muita honra, que sou uma mulher indígena tupinambá de Belmonte.

Também estou aqui em nome das mulheres que têm filhos sumidos, mortos por essa violência que mata nossos filhos. Sou uma dessas mães, com um filho morto e um filho sumido. Este ano, no mês de março, a comunidade tupinambá de Belmonte recebeu a Comissão Nacional de Direitos Humanos e as comissões... (Chora) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): A Comissão de Direitos Humanos.

A Sr.^a CACICA CÁTIA: (...) da Assembleia Legislativa presididas pelas deputadas Neusa Cadore e Olívia Santana.

É uma dor muito grande, manas, resistir como única forma de nos mantermos vivas.

Tenho muito mais a dizer, mas quero falar com o coração. Este espaço, que é nosso, foi muito bem pensado e muito bem criado neste momento para empoderar as mulheres baianas. Sejam elas indígenas, negras, mulheres da sociedade civil.

Muito obrigada pela criação deste Parlamento, deputadas. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Cacica Cátia.

Nossas comissões desta da Assembleia, a dos Direitos da Mulher e a de Direitos Humanos, estão acompanhando o drama da comunidade indígena tupinambá de Belmonte. Conseguimos avançar em ações muito importantes no enfrentamento ao latifúndio que tenta se apropriar daquelas terras. Avançamos através da Economia Solidária e de uma série de grupos que chegaram juntos neste momento em que a Cacica Cátia precisa tanto ser fortalecida. Ela é uma mulher forte, é uma mulher empoderada, e tenho a certeza de que o sol brilhará mais forte e vamos superar este perrengue, este momento tenebroso que estamos vivendo no Brasil, mais especificamente naquela comunidade. A Cacica Cátia e todo o seu povo vencerão! Nós somos mais fortes do que eles. Nós venceremos!

A Sr.^a CACICA CÁTIA: Venceremos, deputada! Venceremos! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): A terra é delas e deles, é das 40 famílias. Vamos conseguir fazer valer o que é de direito, porque a terra até já foi demarcada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Tenho muita felicidade e satisfação de convidar a representante da Mandata Juntas Codeputadas Estaduais, de Pernambuco, experiência inovadora de participação política, a nossa Robeyoncé Lima, para compartilhar conosco esse poder das mulheres trans no Parlamento. (Palmas)

A Sr.^a ROBEYONCÉ LIMA: Muito bom dia a todos e a todas.

Queria saudar a Mesa na pessoa da deputada negra Olívia Santana. Estou aqui falando em nome da Juntas Codeputadas, a “primeira mandata” coletiva na Assembleia Legislativa de Pernambuco, composta por mim e por Carol Vergolino, Jô Cavalcante, Kátia Cunha e Joelma Carla.

É importante também ressaltar que este espaço aqui, há 100 anos, a gente nem sequer poderia ocupar, porque somente em 1932 nós, mulheres, pudemos nos candidatar, pudemos votar e ser votada.

Isso marca o contexto de uma política que até hoje ainda é machista, misógina, patriarcal e LGBTfóbica. Surpreende, por exemplo, que ainda hoje, em 2019, das 49 cadeiras da Assembleia Legislativa de Pernambuco, somente 10 sejam ocupadas por mulheres. A gente se surpreende, hoje, que na Assembleia Legislativa da Bahia, das 63 cadeiras, somente 10 sejam ocupadas por mulheres.

Quando observamos o cenário nacional, vemos um Congresso Nacional com somente 15% das cadeiras ocupadas por mulheres. E somente 2% dessas cadeiras são ocupadas por mulheres negras. Diante desse cenário, é importante destacar o contexto racial da exclusão que nós mulheres, inclusive as negras, sofremos constantemente nessa exclusão do sistema político.

A gente ainda não tem mulheres trans no Congresso Nacional, mas a gente tem, sim, mulheres trans nas Assembleias Legislativas de Pernambuco e São Paulo. (Palmas)

Neste exato momento, eu gostaria de fazer uma saudação às companheiras Érika Hilton e Érica Malunguinho, deputadas estaduais na Assembleia Legislativa do estado de São Paulo que estão compartilhando comigo essa missão de abrir as portas da política para as mulheres trans e travestis que sonham um dia ocupar esse espaço político de tomada de decisão. (Palmas)

A luta pela participação política é constante. Até porque nós temos, em Brasília, um PL que ameaça a nossa participação, que ameaça o nosso avanço mínimo dos 30% obrigatórios de candidaturas de mulheres. Nós não podemos, na verdade, deixar que esse retrocesso tome conta mais ainda da nossa política. Não podemos deixar que esse machismo continue avançando sobre as nossas vidas e sobre os nossos corpos.

A gente tem de fazer uma tentativa constante de cada dia mais colocar mais mulheres nesses espaços de poder, mais mulheres nesses espaços de decisão e mais mulheres nesses espaços de fala.

A gente vive hoje num contexto em que se exige, para estar aqui, que a gente esteja integrando uma legenda partidária. Então cabe à gente também exigir do partido o compromisso político de colocar mulheres nesses locais de fala, de colocar mulheres nesses espaços de poder. A gente tem de chegar e questionar as legendas partidárias. (Palmas)

A gente tem de chegar e questionar os partidos políticos para saber se eles vão querer candidaturas laranjas ou se vão querer, realmente, mulheres ocupando esses espaços de poder, esses espaços de tomada de decisão, porque uma mulher a mais nesses espaços é um homem a menos; uma travesti preta nesses espaços é um macho branco a menos. (Palmas) Qual legenda partidária, qual partido político está disposto a comprar essa briga?

Eu queria agradecer por esta participação aqui e, em nome das meninas, em nome da nossa companheirada da Mandata Coletiva da Juntas, dizer que o lugar da gente também é aqui neste espaço de fala. Um lugar que sempre foi renegado. A gente devia estar aqui desde sempre, um lugar que também é nosso, que a gente sempre deveria estar aqui, mas nunca esteve, já que este também é o lugar de fala da gente. A gente entra na política para fazer a diferença, para realmente reescrever essa história, porque enquanto a gente não estiver aqui dentro...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campanhas.)

(...) marcando este espaço, enquanto a gente não estiver aqui dentro também tomando decisões, não terá como essa história do machismo na política ser reescrita. Essa história só vai ser reescrita, a gente só vai conseguir mais mulheres na política

quando a gente estiver aqui no plenário, nos parlamentos, sejam federais, estaduais, municipais, fazendo fala e construindo algo diferente por nós e para nós.

Estamos na política não como primeiras damas, mas como pessoas capazes também de tomar decisões neste lugar de fala.

Muito obrigada a todas e a todos, um bom dia.

(Palmas, muitas palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Jusmari Oliveira): Convidamos para fazer uso da palavra a senhora cônsul de Cuba, Milena Caridad Zaldívar Piedra. (Palmas)

A Sr.^a MILENA CARIDAD ZALDÍVAR PIEDRA: Bom dia.

(Lê) “*Buenos días compañeras y compañeros:*

El Consulado General de Cuba para el Nordeste de Brasil saluda a la Comisión Organizadora del Parlamento Feminista de Bahía y agradece la invitación para juntos dialogar sobre la participación de la mujer en los espacios de poder y en el proceso de construcción de una sociedad más justa y solidaria. Nuevamente está liderando debates necesarios, tomando acción en los momentos precisos y creando espacios de intercambio para unirnos y ser más fuertes.

Como mujer, madre y revolucionaria sintetizo el proyecto de justicia social y de emancipación femenina que nuestro gobierno revolucionario ha defendido siempre, como evidencia de su carácter esencialmente humanista y su profundo respeto a la dignidad plena de cada individuo. Personalmente constituye un alto honor y compromiso a la vez.

Los cubanos y cubana somos hijos e hijas de un proceso libertador de más de 150 años, en el cual las mujeres cubanas, también parte de esa mezcla de sangre africana, española, indígena, tuvieron una participación activa y en muchas ocasiones decisivas para lograr la total independencia y soberanía nacional 1 de enero de 1959.

Nuestro invicto Comandante en Jefe, Fidel Castro Ruz decía: las mujeres cubanas son una Revolución dentro de otra Revolución. En cada una de nosotras está el espíritu aguerrido de Mariana Grajales; el ejemplo de Ana Betancourt, la primera mujer cubana en levantar la voz para reclamar la igualdad; Haydée Santamaría y Melba Hernández, las heroínas del asalto al cuartel Moncada; Vilma Espin Guillois, fundadora y primera presidenta de la Federación de Mujeres Cubanas.

A ellas y otras dignas mujeres, que aportaron su esfuerzo a demostrar que un mundo mejor era posible, dedicamos nuestro tributo y eterno agradecimiento.

La mujer en Cuba goza de todos los derechos que están refrendados en la reciente Constitución, aprobada el 10 de abril del presente año con una mayoría abrumadora de 86, 85%. Su artículo 43 establece y cito: La mujer ‘La mujer y el hombre tienen iguales derechos y responsabilidades en lo económico, político, cultural, laboral, social, familiar y en cualquier otro ámbito. El Estado garantiza que se ofrezcan a ambos las mismas oportunidades y posibilidades. El Estado propicia el desarrollo integral de las mujeres y su plena participación social. Asegura el ejercicio

de sus derechos sexuales y reproductivos, las protege de la violencia de género en cualquiera de sus manifestaciones y espacios, y crea los mecanismos institucionales y legales para ello.’

La formación académica, técnica y profesional de la mujer es también un derecho consagrado en nuestra Carta Magna, así como la posibilidad de cumplir cargos de altas responsabilidades y el respeto a sus plenas libertades. Todo ello permite hoy su amplia integración a la construcción de una sociedad socialista, convencidos de que solo en el socialismo y en el comunismo el ser humano alcanza su dignidad plena.

Estamos presentes desde la escuela hasta la industria, en el campo o en la ciudad, haciendo, decidiendo, aportando.

Como todo nuestro pueblo, las mujeres cubanas han sido testigos de los efectos del injusto bloqueo económico, comercial y financiero impuesto a Cuba por el gobierno de los Estados Unidos. Pero también son parte esencial del capital humano que busca soluciones creativas para enfrentar esa guerra económica injusta, que ya dura 57 años.

Cuba también ha sido una voz activa en los escenarios internacionales y multilaterales para defender el rol de la mujer y su empoderamiento. Es por ello que hoy estamos presentes en este evento con la voluntad de estimular también una mayor participación femenina en los espacios de decisión política, pensar estrategias y acciones así como intercambiar experiencias e iniciativas en diversos contextos.”

Me llena de satisfacción estar acompañada hoy por la Diputada de la Asamblea Nacional de Cuba, Anabel Treto de la Paz. Joven médica, de gran trayectoria como dirigente estudiantil y quien representa al segundo Parlamento con mayor presencia femenina en nuestra Patria Grande: América Latina y el Caribe. Y a quien todos y todas en este evento estamos deseosos de escuchar.

Reitero a todos el agradecimiento por la invitación y deseo un maravilloso evento. Muchas gracias.” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada a Cônsul de Cuba pela sua contribuição. Quero dizer que infelizmente foi muito triste para todos nós, que nessa votação em relação ao bloqueio, pela primeira vez nos últimos 30 anos, me parece, o Brasil votou a favor do bloqueio quando a grande maioria das nações representadas votou contra o bloqueio. A ONU já se posicionou oficialmente contra o bloqueio e o Brasil dá essa marcha à ré que envergonha todo o povo brasileiro.

Então, o povo cubano conta com a nossa solidariedade total, nosso desacordo com essa posição, que infelizmente o governo assumiu.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero chamar agora e peço desculpas, porque nós estamos buscando garantir a palavra para todas, chamar a nossa querida Leci Brandão, deputada estadual do estado de São Paulo. (Palmas)

Peço à assessoria para já se posicionar e às pessoas do Plenário que querem falar, as mulheres por favor se posicionem para que a gente possa passar a palavra daqui.

A Sr.^a LECI BRANDÃO: Que os orixás abençoem vocês! A benção para quem é da benção, motumbá, kalofé, mukuiu.

Minha querida Olívia Santana eu quero no seu nome cumprimentar toda a Mesa, são muitas mulheres, mas especialmente não só as mulheres negras, as mulheres brancas, as mulheres indígenas, as mulheres de luta, mas de forma especial as mulheres das comunidades, as mulheres das quebradas, das favelas, as mulheres da sociedade civil...

Eu dei uma entrevista pouco antes de entrar aqui, Olívia, e estava dizendo que o que mais me encantou foi você conseguir fazer este movimento, este parlamento aí da mulher, Parlamento Feminista, mas você não excluiu ninguém. Quando você faz uma coisa que tem amplitude, que não tem preconceito de nenhuma ordem – e a gente percebe isso a partir da Mesa, a partir das pessoas que estiveram aqui falando –, eu estou contemplada com um monte de coisa que foi dita aqui, tanto é que quem falou coisa que me emocionou, eu anotei, que é o caso da minha conterrânea do Rio de Janeiro, a Mônica Francisco, afinal de contas você fez parte da principal história feminina nos últimos tempos no Rio de Janeiro, porque você trabalhou com Marielle Franco, então você é legítima.

(Palmas)

A palavra da Robe, porque eu não sei se você sabe que lá em São Paulo também nós temos a Mandata Quilombo, que é presidida por Érica Malunguinho, que só resolveu ser candidata no dia que eu fui lá numa parelha. Ela falou: “Como é que é lá?” Eu disse: “É muito difícil, porque eu estou sozinha, aceite o desafio, vá também.” Ela foi e tá lá, botando pra quebrar, porque tem muita perseguição, a gente sabe. (Palmas) Tem, inclusive, teve um deputado que teve a ousadia de dizer que se ela entrasse no mesmo toilette que a mãe dele, ele a tiraria a tapas de lá. Isso deu uma grande confusão.

Ou seja, a gente está na maior Assembleia Legislativa da América Latina, que é a Assembleia de São Paulo, são 94 deputados, só que a maioria deles, homens, claro, de famílias tradicionais politicamente, são netos, irmãos, filhos também, donos de cidades.

E aí, Olívia, você vai me permitir apenas contar rapidamente uma historinha minha aqui, porque tem hora que eu fico perguntando assim, não só para Deus como para meus Orixás, o que é que eu estou fazendo aqui neste negócio, porque a minha história dentro daquela Casa é totalmente diferente, ela não tem nada a ver com quem está lá, inclusive com pessoas que estão aqui, por um simples fato, eu não tenho diploma de nada, de coisa alguma, eu não sou formada em nada, nada, eu tenho a universidade da vida que minha mãe me deu e ela agora está no céu. Entendeu? (Palmas)

Você, no estado de São Paulo, que é o estado mais rico deste país, tem uma grande importância... Enfim, mata travesti, mata trans, mata LGBTs, todos, mata as mulheres, faz um genocídio da juventude negra como eu nunca vi na minha vida, vocês viram o que aconteceu agora, essa semana? Nove jovens assassinados. São contra religiões de matriz africana, mandam fechar terreiro, falam abertamente contra a nossa

religião. Então, é assim, como é que você vai construir um mandato que tem, na sua plataforma, um monte de coisa que essa gente não gosta? E para piorar a minha situação, o governo que está tomando conta do país e pensa que é dono do país, também não gosta. Então, a nossa situação é muito difícil, a nossa luta tem que ser multiplicada por 10.

E quando acontecem as conferências, que o Brasil adora fazer conferência, todo mundo faz conferência, partido, é uma delícia, mas eu digo: Vocês estão conferindo o quê? Porque a conferência, logicamente, é feita para conferir e você não sabe o que vai ser conferido.

Portanto, é o seguinte, aproveitem essa oportunidade que vem agora, que é ano que vem, vão acontecer aí as eleições municipais. Por favor, não reclamem que tem gente que é da direita que está mandando em vários estados, inclusive nesse que eu moro, façam o seguinte: olhem para os líderes comunitários, olhem para as pessoas que são excluídas, olhem para os professores, os psicólogos, (palmas), olhem para as mulheres que cuidam, que fazem todo o trabalho nas comunidades, líderes comunitárias de fato, é essa gente que a gente tem que colocar dentro do poder. Não adianta a gente ficar acusando “a”, “b”, “c” e “d” e no final de tudo o povo votar em outras pessoas.

Eu acho, inclusive, seja movimento negro, movimento comunista, alguns movimentos, a gente tem quer falar com o povo, com a ponta, que a gente não está falando com a ponta e a ponta está ficando de cabeça para baixo (palmas), os coletivos não estão sendo ouvidos, é para essa gente que a gente tem que atentar.

Eu espero em Deus que a Bahia – que já foi exemplo para minha vida de muitas coisas, eu devo muito a este Estado aqui – que a Bahia possa, através deste Parlamento Feminista ser referência para todo país, para que a gente possa realmente fortalecer, não só as mulheres, mas fortalecer os seres humanos. E, que a gente não acabe com a juventude negra.

É só isso o que eu quero, tá? Muito obrigada! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, obrigada à deputada Leci Brandão pela sua importantíssima contribuição.

Quero lembrar que hoje à tarde tem a Assembleia Feminista e nós vamos ter um outro momento para que todas as mulheres e especialmente também o movimento social se pronuncie com ainda mais possibilidades do que o que está acontecendo aqui neste plenário no nosso parlamento.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero chamar para fazer uso da palavra e para em seguida abrir a fala do plenário, a nossa deputada Anabel Tetro de La Paz para que ela possa colaborar, deputada cubana, da Assembleia Nacional do Poder Popular de Cuba.

E a tarde nós vamos ouvir e assistir também a contribuição da deputada Malu do México, que não conseguiu chegar, mas que encaminhou um vídeo falando da experiência do México.

Por favor, deputada 5 minutos.

A Sr.^a ANABEL TETRO DE LA PAZ: Buenos dias, bom dia, em português.

(Lê) *“Cuba, oficialmente República de Cuba, es un país soberano insular asentado en un archipiélago del mar Caribe. El territorio está organizado en quince provincias y un municipio especial.*

Cuba tiene 11 239 004 millones de habitantes residentes en el país. De ellos, 5 600 393 son hombres y 5 638 611, mujeres.

‘En Cuba, el triunfo revolucionario en 1959 ha sido el factor principal para lograr el acceso y participación real de la mujer al poder y el salto cualitativo, como resultado de la voluntad política del Partido Comunista de Cuba (PCC) y del Gobierno dirigida a transformar, tanto la condición, como la posición de las mujeres cubanas.

Uno de los objetivos estratégicos de la Revolución cubana ha sido solucionar el problema de la discriminación y desigualdad de la mujer para lo cual resulta preciso propiciar la transformación de los patrones culturales de los hombres, de la sociedad en su conjunto y crear relaciones sociales diferentes. En esta ardua tarea se han integrado activamente las mujeres máximas protagonistas de esta gesta para conquistar la justicia.

La inserción de la mujer cubana en el proceso de desarrollo del país es considerado como uno de los fenómenos sociales más exitosos ocurridos dentro de la Revolución Cubana, siendo sujetos activos y principales beneficiarias de las conquistas adquiridas.

La Federación de Mujeres Cubanas (FMC) organización creada por voluntad de las mujeres y constituida el 23 de agosto de 1960, reconocida en el artículo 14 de la Constitución de la República ha sido factor decisivo en la iniciativa, proposición y materialización de las leyes en beneficio de la mujer.

Como parte de la lucha por la justicia social se inicio la batalla por el ejercicio pleno de igualdad de derechos y oportunidades de hombres y mujeres en todos los ámbitos de la vida y a todos los niveles de la nación adoptando una serie de medidas legislativas judiciales y administrativas que lo respaldan.

En el de la Título V de la Constitución de la República se establecen los Derechos, Deberes y Garantías, señalándose la dignidad humana como el valor supremo que sustenta el ejercicio y reconocimiento de los mismos.

En su Artículo 42 regula la igualdad de todas las personas ante la ley, todos recibimos la misma protección y trato de las autoridades y gozamos de los, mismos derechos, libertades y oportunidades, sin ninguna discriminación por razones de sexo, género, orientación sexual, identidad de género, edad, origen étnico, color de la piel, creencias religiosas, discapacidad, origen nacional o territorial o cualquier otra condición o circunstancia personal que implique distinción lesiva a la dignidad humana.

Todos tienen derecho a disfrutar de los mismos espacios públicos y establecimientos de servicios.

Así mismo reciben igual salario por igual trabajo, sin discriminación alguna.

En su Artículo 43 define la igualdad de derechos y responsabilidades de la mujer y el hombre, en lo económico, político, cultural, laboral, social, familiar y en cualquier otro ámbito.

El Estado garantiza que se ofrezcan a ambos las mismas oportunidades y posibilidades.

Igualmente el Estado propicia el desarrollo integral de las mujeres y su plena participación social. Asegura el ejercicio de sus derechos sexuales y reproductivos, las protege de la violencia de género en cualquiera de sus manifestaciones y espacios, y crea los mecanismos institucionales y legales para ello.

Así mismo el Estado crea las condiciones para garantizar la igualdad. Educa a las personas desde la más temprana edad en el respeto a este principio.

El estado hace efectivo este derecho con la implementación de políticas públicas y leyes para potenciar la inclusión social y la salvaguarda de los derechos de las personas cuya condición lo requieren.

Otras normativas que amparan los derechos de la mujer en Cuba

Código de trabajo.

Ley de Maternidad.

Ley de la Creación de Círculos infantiles.

Programas de salud dirigidos a la protección y desarrollo biológico y psicológico de las mujeres.

Nuestro país en concordância con su proyecto de justiça social, ha puesto en marcha un Plan de Acción Nacional de seguimiento a la IV Conferencia de la ONU sobre la Mujer, que resume el sentir y la voluntad política del Estado, con acciones encaminadas al acceso de la mujer a niveles de dirección superiores, dentro de estas trabajamos en:

Continuar desarrollando en todos los organismos de la Administración Central del Estado e Instituciones, sobre todo en aquellos con gran predominio de presencia de la mujer, las políticas que posibiliten su promoción a todos los niveles de dirección, evaluando periódicamente los resultados.

Propiciar una mayor presencia femenina en las listas de candidatos nacionales designados para su elección o nombramiento en los órganos de Naciones Unidas, sus agencias especializadas, y en particular para puestos de categoría superior.

Continuar promoviendo una mayor participación femenina en las delegaciones ante Naciones Unidas y otros foros internacionales.

Mantener en los programas de desarrollo profesional que se instrumenten por el estado, un mayor acceso de la mujer a la capacitación en asuntos de gestión, conocimientos empresariales, técnicos y de jefatura, incluida la capacitación al empleo.

Dar continuidad en el trabajo de la Comisión Central de Cuadros a los análisis encaminados a lo referido a la promoción de las mujeres en cargos de dirección en los Organismos de la Administración Central del Estado.

Datos estadísticos que demuestran el ascenso de mujeres a cargos de dirección y empoderamiento femenino en Cuba.

Ocupadas en el Sector Estatal Civil: 1995: 42,3% - 2018: 49,0%

De las mujeres empleadas hoy, son:

Más del 80% tienen nivel medio y superior.

El 67,4% del personal de educación, el 81,9% de los profesores y maestros.

Más del 70% de los jueces profesionales y fiscales.

El 69,6% en el sector de la salud pública, el 62% de los médicos.

El 63,0% en el sector de intermediación financiera.

El 53,5% en el sistema de las Ciencias, la Innovación y la Tecnología.

El trabajo por cuenta propia el 34%.

Autonomía en la toma de decisiones:

Dirigentes en el Estado y el Gobierno: 1995: 27,18% 2018: 50,7%

Parlamentarias: 1997: 27,4% 2018: 53,22%

Presidentas Asambleas Provinciales del Poder Popular: 1996: 7,1% 2018: 40%

Consejo de Estado: 1998: 16,1% 2018: 47,6 %

Ministras/Viceministras: 1996: 38,09% 2018: 48,5%

Miembros del Comité Central del PCC: 44,3 %

46% de los cuadros en el sector estatal civil.

En la UJC: 52,1%

En los CDR: 64,4%

En la CTC: 57%

En la ANAP: 43%

Los indicadores de promoción de la mujer en las organizaciones políticas y de masas presentan una tendencia creciente. Cinco mujeres son Primeras Secretarias de los Comités Provinciales del Partido y 74 municipios están dirigidos por mujeres, para un 44,05%.

En el país las mujeres estén cada vez más presentes en los espacios de participación política.

El acceso de las mujeres a cargos directivos es objeto de análisis y debate en la Comisión Central de Cuadros del Estado, en los Consejos de Dirección de los Organismos de la Administración Central del Estado, en las administraciones Provinciales y Municipales del Poder Popular y en la Federación de Mujeres Cubanas, a fin de evaluar de manera periódica la promoción femenina, así como la forma de trabajar sobre los factores objetivos y subjetivos que aún subsisten y obstaculizan una mayor presencia femenina en cargos directivos de toma de decisiones.

Vilma Espín, Secretaria expresaba ‘El hecho de que mujeres y hombres compartan responsabilidades de dirección econômica y política del país a todos los niveles, constituye una de las aspiraciones más justas de nuestra sociedad.’”

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Gracias, deputada Anabel, muito obrigada pela sua contribuição. Nós acabamos de receber também a presença da nossa secretária Fábya, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, seja bem-vinda. Também colaborou, apoiou este evento.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu quero, agora, passar a palavra para a nossa companheira Luiza Câmara, presidente da Abadef, que está no Plenário, para que ela possa também se pronunciar. Temos Amanda Brito, também, de Destinos Acessíveis, que será candidata a vereadora no ano que vem, vencendo os limites. É muito importante, seja bem-vinda, Amanda. Sua presença aqui é muito importante, além da de Luiza, mulheres cadeirantes que não reconhecem limites.

A Sr.^a LUIZA CÂMARA: Obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Por favor.

A Sr.^a LUIZA CÂMARA: Bem, eu estou num sentimento tão grande de alegria, de felicidade e ao mesmo tempo com um nó na garganta por ouvir aquelas histórias de quando nós lutávamos lá atrás, na Constituinte, em 1988. Sou do tempo, convidados presentes, de uma deputada muito atuante, Amábíla Almeida; estive na luta por um espaço, na Constituição brasileira, para as pessoas com deficiência. E hoje a gente vê que as coisas mudaram por nossa força e nossa garra.

Eu queria saudar na pessoa de Olívia Santana todas as presentes: deputadas, vereadoras, pessoas de outros países, de outros estados.

Vou começar, deputada, fazendo um pedido: está tramitando na Presidência da República o Projeto de Lei nº 6.159, que é um desmonte da Lei de Cotas, que é um desmonte total da conquista do mercado de trabalho para as pessoas com deficiência neste país. Conquista que eu fiz parte, pois estava lá em Brasília gritando pela Lei nº 7.253.

Agora chega uma... nem sei dizer se é pessoa, se é presidente, sei que gente não é, porque não entende nada de comunidade, nada de discriminação, nada das pessoas que compõem o nosso mundo, o nosso país, e tenta desmontar toda uma conquista. Na verdade, ele quer comprar o empresariado com a possibilidade de que paguem uma multa sem ter a necessidade de contratar pessoas com deficiência. Isso é um retrocesso! A gente terá de voltar às ruas para ocupar todos os espaços.

Inicialmente, quero pedir a vocês do Parlamento que protestem contra essa lei. Ontem, mandaram para mim a comunicação de que esse projeto saiu da urgência, mas não foi suspenso, não. Já procurei averiguar, só saiu do regime de urgência. Não podemos permitir isso.

Há uns 3 meses – Olívia esteve presente – o governador Rui Costa assinou, na Saeb, um convênio para a contratação de 20 pessoas com deficiência para trabalharem

no Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC), em Salvador. E agora, de repente, chega essa notícia, que é uma bomba, um desmonte total, uma aberração, uma falta de preparo dessa presidência que aí está para conhecer a sociedade brasileira.

Queria dizer que fico muito feliz quando estou nesta Casa, lugar onde me sinto à vontade; sou do tempo em que as famílias escondiam as pessoas com deficiência. Elas ficavam praticamente dentro de casa, sem nenhum direito. Hoje, temos a conquista maior, que é a acessibilidade, ou seja, a garantia do nosso direito de ir e vir. Garantia que estamos vigilantes no nosso dia a dia.

Temos também a conquista de uma escola inclusiva. E a nossa vigilância faz com que qualquer denúncia... não sei se tem alguém aqui do Ministério Público, que é um grande parceiro nosso.

Também devo dizer que tive a honra de ocupar, nesta Casa, a primeira presidência do Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher, já que fui vítima na minha infância, aos 10 anos, de um caso de violência familiar.

Como naquele tempo, segundo Jorge Amado, que se inspirou no meu pai, o coronel do cacau geralmente tinha quantas mulheres ele quisesse. Depois, com 10 anos, eu cheguei à escola, com o jornal estampado na porta para eu não subir, porque meu pai tinha matado minha mãe. Eu fiquei louca, sem entender nada, chorando muito. É que minha mãe era a “outra”. E aí o coro dos pais gritava que eu era filha da outra: “Você é filha da outra”. Aos 10 anos de idade.

Meu pai conseguiu fugir, ficou foragido por oito anos, foi a júri popular. E foi, claro, eliminado por todos os jurados machistas e feministas.

E aí eu perguntei a minha avó: “Como é que a senhora enfrentava meu avô?”

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Vou ser rápida. “Aos 10 anos eu ouvi a senhora dizer: ‘Vou levar esse prato na casa de Lourdes, minha vizinha que chegou e está grávida.’ E meu avô a pegou pelo braço e disse: ‘Você não vai!’ Por que eu não vou? – presenciei isso – ‘Porque Lourdes é mulher da vida’. Eu disse: ‘Minha avó, o que é mulher da vida?’ Saí de trás da porta, e ela respondeu: ‘Sou eu, que faço cocada para sustentar a família’.”

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Então, eu estou aqui e uma verdadeira mulher da vida somos todas nós (palmas) que nos abraçamos diariamente! Pegamos o nosso bastão e não sabemos o que vamos encontrar, mas sabemos que vamos lutar. E eu lutarei até o último dia em que eu estiver aqui.

O médico disse que eu ia morrer com 40 anos. Eu estou com 75!

Muito obrigada! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada. Nossa contribuição dos movimentos sociais, nossa voz, Luiza Câmara.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo imediatamente para Ariane Sena. Por favor, pode usar o microfone da mesa onde você está sentada, para que você possa se pronunciar.

São 3 minutos no plenário. Nós temos uma quantidade muito grande de mulheres inscritas, são 25 mulheres. Se não der tempo para todas falarem nesta manhã, nós vamos continuar pela tarde. Serão dois turnos de atividades.

A Sr.^a ARIANE SENA: Bom dia a todas as pessoas. Primeiramente, eu gostaria de agradecer pelo convite. Não poderia deixar de agradecer, as inscrições já encerradas e a deputada me ligou ontem pedindo que eu estivesse aqui. Isso fala muito sobre o espírito que estamos vivenciando aqui.

Começo a minha fala pensando nisso, precisamos chamar as mulheres trans para construir pautas sobre mulheres. Tem ocorrido muito de sermos segregadas, e todas as pautas que devem ser faladas para tratar de mulheres trans, retiram-se, e colocam-nas apenas em grupos de LGBT para falar de LGBTfobia.

Mas eu queria dizer que eu estou aqui porque eu entendo que antes de ser trans, eu sou mulher; que os processos diários que eu passo de violência são os processos que foram utilizados com as mulheres cis, especificamente na década de 60, que foi a arte antifeminista como zombaria. Essa zombaria é vivenciada diariamente para com a gente, com os nossos corpos, mulheres trans. O assédio também.

Esses são exemplos de pautas em comum que temos, mulheres trans e cis. Como que nós, mulheres trans, temos a capacidade, por exemplo, de denunciar o assédio, se nem sequer somos reconhecidas enquanto mulheres.

Então eu gostaria... Estou aqui, enquanto representante de mulheres trans e travestis brasileiras, para dizer que há mulheres trans aqui e, ao mesmo tempo, trazer a reflexão. Vivemos muito a moda também do lugar de fala, mas eu queria dizer que lugar de fala tem sido utilizado como uma violência da cisgeneridade e da heteronormatividade para poder não falar de mulheres trans e travestis.

O que eu quero aqui é deixar minha reflexão, para todas as mulheres, que é necessário que possamos continuar pautando a existência de mulheres trans, mesmo sem a presença das mulheres. É histórico e tem motivo que mulheres trans e travestis não ocupem esses espaços. E acho que todo mundo aqui sabe o porquê. Então não podemos nos esquecer das nossas pautas, das nossas vidas, porque muitas mulheres, muitos grupos... E que bom que conseguimos avançar. Estamos discutindo sobre direitos específicos, direito do trabalho.

Nós travestis e mulheres transexuais estamos ainda discutindo sobre o direito à vida, gente.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Estamos discutindo sobre o direito ao nome que é um direito constitucional, um direito primário. A LGBTfobia é crime. É crime, e agora? Eu queria que nós pensássemos sobre isso, com sororidade mesmo. O que acontece com as mulheres trans que são mortas? O que acontece com mulheres trans que são agredidas? Se eu for agredida ao sair dessa Casa, quem eu chamo? O policial branco, o hétero do lado?

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Então a gente precisa pautar e problematizar a questão da LGBTfobia.

Muito obrigada, deputada, e parabéns à Comissão de Mulheres desta Casa.
(Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada Ariane Sena, representante da Associação de Travestis e Trans Nacional.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo imediatamente a palavra ao movimento de mulheres de Camaçari que será ouvido aqui através de Ana Gomes. Ou melhor, a partir da palavra de Ana Gomes.

Cadê Ana Gomes?

Conselho Estadual de Defesa da Mulher, por favor, pode ligar o microfone da mesa.

A Sr.^a ANA GOMES: Bom dia a todas. Eu estou muito feliz em fazer parte desse encontro. Senti falta aqui da presença da deputada Lídice da Mata, que já foi justificada. Mas estive ao lado de Lídice da Mata e de tantas outras companheiras, Jandira Feghali, quando a gente escreveu a Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes, para que lá estivessem garantidos os nossos direitos. Hoje eu me senti um pouquinho fazendo parte daquele encontro, porque dali nasceram as nossas lutas e elas se fortaleceram.

Eu venho de Camaçari aqui ao lado de Fabiana Franco. E também lá a gente tem vivenciado na pele o crime e a violência contra as mulheres. Nesses últimos dias vocês devem ter acompanhado: duas mulheres que foram mortas no mesmo dia, uma em Dias D'Ávila outra em Camaçari. Em Camaçari, ele foi preso no sábado e na segunda ele estava livre. E nós estamos lá resistindo, lutando. Trago aqui o abraço da deputada Luiza Maia, que provavelmente virá à tarde aqui nos ajudar a contribuir com a experiência dela aqui neste encontro. Mas a gente está lá na resistência e viemos aqui dizer a vocês isso que já foi dito: lugar de mulher é onde ela quiser.

Nesse próximo ano, a gente precisa estar fortalecida nas ruas, nas lutas, não aceitar essa coisa de laranja. Pelo amor de Deus, lutemos contra isso para que a gente ocupe mais lugares no Parlamento, porque é daí que sai a nossa força, é lá que a gente efetivamente consegue construir as leis que podem nos ajudar a ser mais felizes nesse mundo.

Então um dia de paz para nós e que esse encontro possa nos ajudar.

Olívia, você é minha inspiração. O dia em que você tomou posse, colocou um texto lindo. E quando eu transcrevi esse texto para as outras pessoas, as pessoas pensaram que eu estava falando sobre a minha história de vida, porque a nossa história se confunde, porque somos mulheres guerreiras.

Leci, você também é nossa fonte de inspiração. Uma mulher que está aí na luta, num local que realmente a gente percebe, uma cidade como São Paulo, como é lidar no Parlamento com essas diferenças. Nossa amiga ali que representa o mandato que foi

tirado de forma violenta, o mandato de Marielle. Estamos aqui inspiradas pela luta de vocês. E que a Bahia seja e continue sendo essa trincheira de luta.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Avante, porque nós seremos felizes!

Um grande abraço. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, companheira, pela sua contribuição.

Com a palavra, a representação do Conselho Estadual de Defesa da Mulher. Quem é a representante?

A Sr.^a Dra. Fabíola Mansur: Questão de ordem, deputada Olívia.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Vou passar em seguida para você.

A Sr.^a Dra. Fabíola Mansur: Não. A questão de ordem é para...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Deputada Fabíola.

A Sr.^a Dra. Fabíola Mansur: A questão de ordem é para disponibilizar esses microfones aqui na frente, que são usados pelas deputadas e que dão visibilidade às falas, para que as pessoas possam vir aqui a fim de serem vistas. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Perfeito, deputada Fabíola.

Quem quiser, também pode usar o microfone aqui.

Precisamos ganhar tempo para que mais mulheres possam falar.

Agora é a companheira dos Direitos da Mulher que está inscrita.

A Sr.^a Fabiana Franco: Bom dia a todos. Eu tenho 3 minutos?

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Qual das duas é do conselho? Porque nós temos que respeitar a lista de inscrição. É isso que a Mesa está fazendo.

Então, enquanto o conselho resolve quem vai falar, nós vamos chamar a pré-candidata Fabiana Franco, de Camaçari. Então, o conselho resolve e a gente chama em seguida.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Fabiana, pré-candidata de Camaçari, por favor. Ela está ou não?

Por favor, passem a palavra ... resolveram?

A Sr.^a MAÍSE ZUCCO: Resolveu. Bom dia a todas as presentes...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Voltamos a palavra à representante do Conselho Estadual de Defesa da Mulher.

A Sr.^a MAÍSE ZUCCO: Bom dia, eu acho que vou aproveitar o tempo de forma mais. (Risos) Está engraçado, está engraçado...

Bem, bom dia, então, a todas presentes. Meu nome é Maíse Zucco. Eu estou na Vice-Presidência do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher, junto com a secretária Julieta, e fui incumbida de trazer alguns pontos relativos à nossa discussão e a fala foi uma fala programada coletiva.

Então, saudar a iniciativa de forma inicial. A gente gostaria de comentar que ao término da gestão 2015/2019, a importância do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher e da ampliação das atividades do Conselho da Mulher foi diagnosticada. É uma pauta que para a gente é muito importante, a gente vem disputando esses espaços.

Uma das questões que nos é muito cara é a questão orçamentária. Então, a gente vem aqui também com uma demanda que é pedir o apoio das deputadas em relação ao fundo da ALBA, que é um elemento que a gente gostaria de... do comprometimento das deputadas com a consolidação desse fundo.

Afinal, uma gestão que utiliza o direito da mulher como uma narrativa discursiva, mas que não incrementa isso, enquanto financiamento, enquanto orçamento, é uma falácia política. Então, a gente está aqui solicitando para a ampliação desses espaços.

No estado da Bahia a gente tem 417 municípios, nem todos eles possuem conselhos, a gente tem interesse em ampliar essa rede. A importância do monitoramento e avaliação de políticas públicas são atividades inerentes ao conselho e a gente tem a intenção de ampliar essas ações. Nós gostaríamos também do apoio futuro das deputadas, da ampliação da forma de ação do conselho.

Atualmente ele é um conselho deliberativo e a gente já vem discutindo a possibilidade de alteração da lei, o interesse de fazermos um *lobby* político pela alteração dessa lei, para que ele seja também deliberativo.

A gente agradece a oportunidade aqui, agradece às companheiras da gestão 2015/2019, que se dedicaram tanto nas ações e na reestruturação do conselho, e saúda as entidades que farão parte da próxima gestão.

Agradeço. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): O.K., obrigada, companheira. A próxima, deputada Fabíola, para, em seguida, a pré-candidata, Fabiana, se pronunciar.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: Bom dia a todas, companheiradas, mulheres empoderadas que aqui lotam essas Galerias, esse plenário, mais do que nunca, muito bem representado pela nossa presidente da Comissão de Mulheres e presidente do Parlamento, deputada Olívia, nossa secretária Fabya, nossas representantes cubanas, nossa cacica Cátia, nossa querida Bancada feminina: Neusa, deputada Leci, deputada Mônica e todas as prefeitas, vereadoras, deputadas e lideranças que aqui estão, de todos os movimentos.

Somos muitas, queremos direitos iguais, mas somos também diversas, e sabemos que nós também temos que defender essa diferenciação, e temos que defender a sororidade. Gostei muito da fala em que se refere que nós temos que acabar com a disputa entre nós para, efetivamente, assumirmos o controle do nosso presente e do nosso futuro.

Quero falar, em referência àquilo que a companheira do Conselho de Direitos da Mulher falou, que nós temos aqui um projeto de iniciativa nossa, que é encabeçado

também pela Comissão de Mulheres, que é a criação do Fundo Estadual de Combate à Violência Contra a Mulher.

Nos limitam dizendo que as secretarias fazem um feminicídio orçamentário, quando mais de 50% da população, no caso 52%, tem muito pouco para tratar das políticas para as mulheres e, secretária Fabya, das políticas para o enfrentamento ao machismo, ao racismo, ao sexismo, à LGBTfobia e para a promoção da igualdade

Então, saudando a todas, quero aqui dizer que nós precisamos, sim, do Fundo Estadual, que já temos um indicativo, prefeita Marlylda, o indicativo ao nosso governador, porque queremos ampliar o Orçamento da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Queremos criar mecanismos de construção e fortalecimento de conselhos, e quero dizer que, em 2020, quero falar de 2020, nós precisamos ter a coragem de vencer o desafio e sermos candidatas para ocupar esses espaços.

Não vamos temer a derrota eleitoral que poderá ocorrer, mas, certamente, a maior participação política das mulheres, enfrentando essas candidaturas, disputando o orçamento dos seus partidos, dizendo não ao laranjal do PSL e de todos os partidos que assim o fizerem.

Nós temos de ter a vitória política de dar uma resposta a um governo da treva, um governo que exclui ministérios da mulher, que desmonta a educação, que desmonta a cultura, que persegue o meio ambiente. São as mulheres que vão dar as respostas e somos nós, nos espaços de poder, com mandatos, com lideranças, nas associações, pedindo a prefeitos progressistas, exigindo que prefeitos criem secretarias de mulheres, criem superintendências, fortaleçam conselhos porque é assim que nós vamos vencer essa sub-representação que tanto nos afeta.

Certamente, não há política sem as mulheres, não há política sem metade da população. Quero dizer a vocês, minha cara Milena, porque aqui nesta Casa representando as populações mais vulneráveis, representamos também mulheres. Fui ex-presidente, estou presidente da Comissão de Educação, Cultura e Tecnologia da Casa e represento também o segmento LGBT. Quero saudar as nossas companheiras que estão aí.

Quero dizer que nós vamos conseguir em 2020 a partir desse Parlamento, a partir desse incentivo, a partir da sororidade que deve estar aqui mapeando toda esta Casa, disputar as eleições, disputar o orçamento, dizer não a governos retrógrados e fundamentalistas, mas sobretudo, não podemos esquecer: não basta ser mulher e chegar ao poder. Temos de reconhecer quais são as pautas feministas que nos pautam (palmas)...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campanhas.)

(...) porque não queremos, nesta Casa, que cheguem mulheres primeiras-damas ou ex-primeiras-damas, com todo o respeito a elas, irmãs, vozes machistas que aqui não defendem pautas comprometidas com as pautas feministas. E as pautas feministas são: o enfrentamento à violência, direitos reprodutivos e sexuais, autonomia...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campanhas.)

(...) inclusão da mulher nos espaços de poder e certamente sermos 50%.

Tenho muito orgulho, deputada Olívia, vou terminar, na conferência... Sou do PSB e quero saudar as nossas deputadas federais Lídice da Mata, que é do PSB, e Alice Portugal. Quero dizer que o nosso partido aprovou a manutenção dos 30%, mas a defesa com o compromisso de 50/50, alternando em listas fechadas. Esse é um partido que se compromete com as mulheres e é isso que nós. à frente da política e com mandato, devemos defender.

Então, mulheres, vamos à luta, à conquista em 2020.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Vamos ser candidatas e vamos entupir esses plenários das Casas estaduais, federais, municipais, do Executivo com essas vozes que estão aqui porque eles não irão nos calar, mas, nos calarão, se nós não disputarmos os espaços de poder.

Parabéns ao Parlamento Feminista e quero como encaminhamento sugerir a inclusão da defesa do Fundo Estadual...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Já colocamos aqui.

A Sr.^a Dra. FABÍOLA MANSUR: (...) e do Fundo Municipal para fortalecermos a política para as mulheres.

Obrigada, gente.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, agora a pré-candidata a vereadora em Camaçari, Fabiana, por favor.

A Sr.^a FABIANA FRANCO: Bom dia a todas as “hermanas”, bom dia à nossa Mesa. Quero saudar a todas as companheiras presentes e dizer que o meu lugar de fala é de uma mulher que nasceu em Camaçari. E que a gente percebe que a cidade mais importante economicamente para a Bahia e para o Brasil não é uma cidade que contempla as mulheres, porque lá só temos duas mulheres no Parlamento e, de fato, Ana Gomes, não representam os anseios das mulheres de Camaçari.

É uma crítica que a gente ao longo... Eu que venho da base do movimento social, que a gente vem fazer... Porque nós mulheres, infelizmente, somos olhadas como seguradoras de bandeiras, mobilizadoras sociais, mas os próprios partidos políticos não nos olham como potencial político para ocupar esses espaços.

Então, é por isso que, antes de qualquer coisa, antes de fazer esse debate, a gente tem que perguntar... Hoje, meu passe é muito caro. Muitos partidos me convidam hoje para compor suas fileiras. Mas como é que a gente negocia isso?

Sou filiada à Rede Sustentabilidade, e um dos debates para eu me filiar à Rede foi: como é que eu, Fabiana Franco, o nosso projeto político de debater o meio ambiente, cidade sustentável, combate à LGBTfobia e a participação das mulheres será contemplado nesse partido político? O que mais temos por aí é sigla partidária.

As eleições municipais são extremamente importantes, e nós, que estamos na base, somos vistas nesse momento, somos credenciadas, olhadas, chamadas para sermos mobilizadoras.

Mas eu e outras mulheres do movimento social, movimento de mulheres, movimento de mulheres lésbicas, quero dizer para todas vocês: nosso passe é muito caro, meninas. Nós não somos mais as meras seguradoras de bandeiras, nós não somos aquelas para sair na foto, não. Nós temos que ser as protagonistas desse processo.

É por isso que lá, em Camaçari, nós estamos constantemente fazendo esse debate. Não é a mulher do prefeito que vai ser eleita vereadora, não é a ex-mulher do prefeito que vai ser prefeita. Que relação é essa? Como sempre, a gente faz a crítica, e aí, com certeza acabamos fortalecendo os coronéis da política.

Então, isso tem que acabar, companheiras. É a base que tem que ser eleita. E aí, Mônica Francisco, nossa companheira, conversando mais cedo, eu mandei seu vídeo para o nosso grupo do movimento de mulheres, e as mulheres vibraram ao dizer isso. É a cara da mulher, é a cara da mulher preta, é a cara da mulher sapatão, sim...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que tem que aparecer, certo!

Em Camaçari, vai ter vereadora retada, Ana! Ao invés de umas vereadoras que não nos representam. Vai ter, sim, 50 a 50, porque não vai ser a bancada evangélica que vai dizer onde vai o recurso de Camaçari, não.

Chega desses bandidos! Porque sai uma quadrilha, entra outra para tomar o recurso público de Camaçari. Chega! Eu quero dizer a vocês que Camaçari vai ter mulheres vereadoras, sim.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

E, futuramente, Camaçari vai mandar um bocado de mulheres para deputada estadual e deputada federal, viu, Ana?

Um abraço para todas.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo, companheira.

A Sr.^a FABIANA FRANCO: Camaçari existe, e é a cidade mais importante...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) economicamente da Bahia e do Brasil, e vai começar a ser, de fato, respeitada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo a palavra a Daniela Cardoso, lá em cima, por favor, nas Galerias.

A Sr.^a DANIELA CARDOSO: Meu nome é Daniela Cardoso. Sou, hoje, presidenta dos Direitos Humanos 2 de Julho Centro, estou como pré-candidata a vereadora de Salvador pelo partido Avante 70.

Hoje, aqui, eu quero agradecer a Olívia Santana pelo Parlamento Feminista. Precisamos de mais Paramentos, para que as mulheres possam expressar a sua força.

Eu gostaria de solicitar uma salva de palmas, com toda força, para todas as mulheres que estão aqui, neste momento, para todas as mulheres empoderadas. Por gentileza, vocês poderiam dar uma forte salva de palmas?

(Palmas)

Essas palmas são para cada uma de vocês que aqui estão, para cada mulher empoderada, para cada mulher que representa e que busca força nessa sociedade tão difícil. Essas palmas são para Olívia Santana por estar nos dando essa oportunidade de estar aqui buscando um espaço a cada dia, porque as mulheres, cada uma que está aqui, eu tenho certeza de que buscam abrir caminhos, buscam espaços para que todas as mulheres negras, pobres e brancas.

Eu represento a favela, como disse a colega, eu moro em uma comunidade simples e eu percebo e sei da necessidade de cada mulher, atendo mulheres, resolvo o problema também de mulheres com a Justiça e eu digo para vocês: não esmoreçam!

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Não fraquejem e continuem perseverando, porque a cada dia a gente vai conquistando o nosso espaço. É o que eu deixo para vocês de forma motivadora.

Força, fé, e mulher no comando, mulher no poder!

Agradeço a todas pela oportunidade. (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA(Olívia Santana): Obrigada, Daniela.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Nossa querida Amélia, da Uneb, nossa pró-reitora de Ações Afirmativas (Proaf). Este Parlamento é construído por todas as mulheres da Comissão da Mulher.

A Sr.^a AMÉLIA MARAUX: Bom dia a todas que estão aqui neste Parlamento mais do que poderoso. Queria fazer uma saudação especial à deputada Olívia Santana e a todas que compõem essa Mesa tão poderosa, tão aguerrida e de falas tão importantes e fundamentais para o momento que nós estamos vivendo.

Eu fico muito feliz por estar aqui hoje, Olívia, por participar desse momento que para mim é histórico. Acho que nós estamos numa crescente, embora o fascismo e o fundamentalismo apareçam de maneira tão contundente na política brasileira, mas eu percebo pelas falas e pelo que hoje está aqui representado neste Parlamento Feminista, uma força, uma força enorme e que se coloca, exatamente, nas mãos das mulheres, das mulheres negras, das mulheres brancas, indígenas, das lésbicas, das mulheres trans.

Enfim, somos nós que estamos aqui e somos nós que estamos fazendo a resistência a esse mundo, a essa política, a este estado fascista. Somos nós que estamos fazendo isso agora. E estamos fazendo isso agora dizendo que em 2020 nós vamos fazer mais.

O exemplo de mandatos coletivos, de construções políticas coletivas é muito importante para o momento que a gente está vivendo hoje. Aqui em Salvador, nós estamos...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) vivendo esse momento de construção coletiva. Nós temos hoje já candidatas colocadas para a Prefeitura de Salvador, temos vereadoras importantes hoje, fazendo a frente. Na Câmara de Vereadores, aqui temos Aladilce, temos Martinha.

Portanto, é um momento fundamental para essa construção, Olívia, você que já se posiciona candidata, e Vilma Reis pelo mandato coletivo construído no Fórum Marielle...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) como candidata também a prefeita de Salvador. Portanto, é este o caminho que nós queremos. Queremos ser, de fato, 50%, como em Cuba. Eu acho que a gente vai ter que fazer a revolução como em Cuba, talvez.(Risos). (Palmas.)

Eu acho que é esse o caminho, porque nós queremos ocupar os parlamentos, nós queremos ocupar as reitorias, nós queremos ocupar tudo que é nosso, que é de direito.

Portanto, parabéns a todas.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana):- Obrigada, super obrigada, Amélia.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero convidar imediatamente Luciene Santos, de Capim Grosso, para que ela possa se pronunciar.

A Sr.^a Naentrem: Questão de ordem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Pois não. Temos uma questão de ordem antes, Luciene. Por favor.

A Sr.^a Naentrem: Bom dia. Gostaria de cumprimentar a Mesa na pessoa da Lívia, gostaria de cumprimentar todas as mulheres que estão aqui. Eu sou Naentrem, sou de Guiné-Bissau, faço parte do coletivo de mulheres africanas (palmas) e quero só abrir um parêntese: pode ser que esse espaço não seja para nós, mulheres africanas, porque vocês estão discutindo sobre as mulheres baianas e mulheres brasileiras. Eu peço desculpas só por um momento, porque nós estamos aqui na diáspora, nós precisamos muito da vossa ajuda e muitas das vezes ninguém fala de nós.

Estamos aqui hoje para pedir para vocês. Criamos um coletivo aqui já há 4 anos, mas ninguém nos vê. Precisamos de ajuda, precisamos de várias outras coisas. Mas, tipo, é invisível tentarmos bater às portas e várias outras coisas que estão um pouquinho impossíveis. Mas nós também sofremos várias violências aqui no Brasil. Se as mulheres negras sofrem aqui, as mulheres africanas da diáspora sofrem o triplo, o triplo. A gente sofre assédio, a gente sofre violência. Não temos segurança e várias outras coisas que não temos. E nós também precisamos disso. Sabemos que o espaço não é nosso, então por isso que falei que vou abrir parênteses e pedir para vocês também tentarem olhar para as mulheres de diáspora. Não só as africanas, tem outras mulheres diaspóricas também que estão aqui no Brasil, mas que não têm motivo, pode se dizer assim, de uma política específica só para elas. Isso nos levou a criar também o nosso coletivo para nos fortificar fora de casa, fora dos nossos lugares, estando aqui no Brasil.

Então, eu agradeço por essa oportunidade desse minuto de fala... (palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Claro!

A Sr.^a Naentrem: (...) e força a todas as mulheres.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Seja bem-vinda, companheira. A sua luta também é nossa e você não está num espaço estranho. Esse espaço também é seu.

Se nós tivéssemos sabido da participação dessa frente de mulheres africanas, obviamente nós teríamos incorporado à programação. E eu já convido essa frente que faça parte da Mesa da tarde que nós vamos ter aqui.

A Sr.^a Naentrem: Obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): A luta das mulheres negras refugiadas, africanas, imigrantes é a luta do Parlamento. Obrigada.

Luciene Santos, Capim Grosso.

A Sr.^a LUCIENE SANTOS: Bom dia, meu nome é Luciene, sou do território da Bacia do Jacuípe, participo do Coletivo MariElas e também da política de cultura do estado no território.

Primeiramente, quero falar que nós mulheres negras estamos morrendo. Hoje, no estado da Bahia, 90% da população no presídio da Bahia são mulheres negras. Ocupamos hoje o primeiro lugar nas universidades públicas depois de mais de 500 anos, mas saímos da universidade e não ocupamos o mercado de trabalho. E a maioria são as mulheres negras.

O índice de morte por feminicídio aumentou entre as mulheres negras. E entre as mulheres brancas houve um índice abaixo.

Então a reflexão é: como as deputadas unidas e poderosas aqui estão dialogando com a Delegacia das Mulheres em bairros populares, que é o lugar de fala onde as mulheres negras estão morrendo? Bairros onde as mulheres negras sofrem pela opressão econômica, não conseguem ir para os bairros de elite para serem atendidas por homens, em sua maioria, machistas, por conta da sua formação.

O que é que nossas mulheres que estão nos representando estão dialogando em relação aos jovens e mulheres negras, que não estão conseguindo ocupar o mercado de trabalho? Se estamos nos presídios, morrendo em bairros populares e na favela, para onde devem ser voltadas as políticas públicas deste país? Os bairros populares, periféricos e de mulheres negras em sua maioria enfrentam a economia deste país de forma criativa e ainda sofrem violência.

É essa a minha fala e reflexão. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, companheira.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Chamo imediatamente Bia, do movimento Meu Voto Será Feminista.

Em seguida, a vereadora Aladilce Souza.

A Sr.^a ANA BEATRIZ PAES BIA : Olá! Saúdo a todas. É uma felicidade enorme estar aqui, ver esse espaço. E queria ser bem breve. Além de entender toda a necessidade de a gente construir um parlamento feminista mesmo e de ver qual o exercício que a gente tem de integrar todas as nossas ações, a gente tem o desafio de

chegar ao poder e tem o desafio de se candidatar. E como é que essas candidaturas têm o apoio de sistemas que fortalecem? Uma candidatura não é fácil. E tem coisas que a gente tem que encarar diretamente, que é a violência política, que são todas as políticas de participação da mulher na política e que estão querendo condenar, cortar os 30%, anistiar os partidos que não cumprem com a cota, os incentivos de candidaturas, as verbas do fundo partidário.

Então é ver como a gente consegue, claro, apoiar “as mandatas” que estão aí, porque quando chegam lá é outra violência. É muito raro a gente conseguir. E aí é uma coisa que a gente está aprendendo muito no Meu Voto Será Feminista: chegar é um desafio; manter as pessoas que construíram as campanhas, as campanhas coletivas, muitas vezes engajadas, construindo os mandatos juntos; e como resistir a várias violências lá dentro também.

Uma coisa que eu queria fazer um chamado, sabendo que temos muitas parlamentares aqui, é que lá em Brasília, em coletivo com a “mandata” de Talíria e Áurea Carolina, a gente conseguiu emplacar uma audiência pública para falar sobre violência política. Vai ter lá, foi aprovada há pouco na Comissão Mista de Combate à Violência Contra a Mulher. E fazer uma provocação: assim como o parlamento feminista, como a gente consegue escalar isso em outras casas legislativas? Como é que a gente consegue começar a provocar, também...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) discutir a violência política dentro das outras casas. A gente vai começar em Brasília, mas, também, trazer isso para outros mandatos, outras casas. E aí a gente pode fazer essa rede, atuar mais em rede, para mostrar...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): O.k.

A Sr.^a ANA BEATRIZ PAES BIA: (...) que essas iniciativas não estão sozinhas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Muito obrigada. Vereadora Aladilce Souza com a palavra.

A Sr.^a Aladilce Souza: Bom dia a todas. Sr.^a Presidenta desta sessão, quero saudá-la, Olívia, e dizer a você e à Comissão de Mulheres aqui desta Casa, à secretária Fabya, à secretária Julieta que ajudaram na realização desse Parlamento. Agradecer pela oportunidade. Eu já me arrepiei aqui várias vezes com tantas falas. Estarmos aqui todas juntas nesta sessão é algo extraordinário. E acho que nós estamos aqui fazendo história, Fabíola, marcando a história do movimento de mulheres aqui na Bahia, e eu diria, também, no Brasil.

É muito bom – nos dá uma segurança e uma esperança muito grande – estarmos aqui ouvindo e compartilhando esse momento com tantas mulheres maravilhosas. Tem uma potência e uma força neste auditório aqui, neste Plenário que eu acho, deputada Neusa, deputada Jusmari, me desculpem, sem querer ofender os deputados, mas acho que este Plenário nunca esteve tão qualificado como neste dia de hoje. (Palmas)

São muitas histórias, são muitas pautas, as nossas pautas, de todas as mulheres, nossa pauta que é uma pauta muito cara, da luta contra a violência...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) pelo espaço no mercado de trabalho, mas, sobretudo, a nossa pauta – que deve ser, eu acho, priorizada, nós precisamos pensar no ano que vem – de nós, a partir daqui, traçarmos planos. E quero aqui saudar o movimento social.

Então, Olívia, é muito bom e foi uma ideia fantástica fazer esse momento aqui com essa horizontalidade...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) com parlamentares, com prefeitas, com deputadas e com as mulheres do movimento social. Aqui tem uma riqueza muito grande. E eu queria chamar a atenção: é muita ousadia nós estarmos aqui discutindo a nossa luta, a necessidade da emancipação das mulheres, de todas as mulheres.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Aqui é o germen da revolução. Angela Davis é quem disse que quando as mulheres se mexem, o mundo todo se mexe, a sociedade se mexe. Nesse momento em que a gente tem um governo de milicianos espalhando ódio, retirando os nossos direitos. O que estamos fazendo aqui é reafirmarmos a nossa utopia...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Para concluir.

A Sr.^a Aladilce Souza: (...) de construção de um mundo de igualdade de mulheres. E eu quero aqui... Estamos aqui eu e a vereadora Marta, de Salvador, estou no quarto mandato de vereadora na cidade de Salvador. Quero dizer, minha gente, o número é o que menos importa, porque nós sabemos, Marta... E aqui eu vou dizer, você sabe, a nossa luta...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo...

A Sr.^a Aladilce Souza: (...) nós somos sete mulheres na Câmara Municipal, mas a gente tem mulher que sobe na tribuna e diz: eu sou machista.

Então, há um recado para os movimentos sociais, para as nossas campanhas: nós precisamos eleger mulheres comprometidas com o projeto de emancipação...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) das mulheres e da sociedade, mulheres que defendam um Brasil diferente desse que está aí, que reduzam as desigualdades sociais; que resgatem os direitos ao trabalho e uma condição digna de vida.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigado.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: Desculpe-me, deputada Olívia, essa mulher maravilhosa que com certeza vai ser a nossa prefeita de Salvador. (Palmas, muitas palmas). Camarada Olívia.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Tem que concluir, vereadora.

A Sr.^a ALADILCE SOUZA: Mas quero dizer da responsabilidade, do desafio, deputada Fabíola, que já foi vereadora de Salvador, o desafio que nós temos de botar mulheres que realmente nos representem, para botar pra quebrar, para virar esse jogo.

Fora, Bolsonaro!

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Valeu, vereadora combativa. Obrigada, vereadora Aladilce!

E nós temos, que também, neste Parlamento, no turno da tarde nós temos que aprovar a moção de solidariedade à vereadora Aladilce, que está sendo processada pelo prefeito de Salvador, que não suporta o debate político franco, aberto. Prefere acionar a Justiça para ficar processando seus adversários. Então, conte com a nossa solidariedade.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Com a palavra a nossa Amanda Brito.

A Sr.^a AMANDA BRITO: Bom dia a todas, quero agradecer o convite, saudar a mesa em nome da deputada Olívia, uma mulher que eu admiro muito.

Eu sou idealizadora do blog *Destinos Acessíveis*, um blog que foi criado para compartilhar um pouco da minha experiência no mundo corporativo. Eu estou no mundo corporativo há 10 anos, todas as empresas pelas quais passei, eu fui a primeira mulher com deficiência, estudei no Instituto Federal da Bahia, uma instituição centenária. Fui a primeira aluna com deficiência de lá.

Então, eu sempre costumo perguntar para as pessoas se vocês conhecem alguém desempregado no Brasil, hoje. É muito difícil que alguém responda que não conhece. Mas se eu perguntar se você conhece alguém com alguma doença rara o número de pessoas que vai conhecer é bem menor. Mas, se olharmos as estatísticas, nós temos 13 milhões de pessoas com doenças raras no Brasil, um número muito próximo ao número de desempregados.

E por que nós conhecemos pessoas desempregadas, mas não conhecemos as pessoas com doenças raras? Porque elas, infelizmente, ainda estão no ciclo de invisibilidade, no qual muitas pessoas com doenças raras e com deficiência de uma forma geral ainda estão inseridas.

Então, eu quero deixar uma provocação aqui para todas nós: o que nós podemos fazer para aumentar a representação política das mulheres com deficiência no Brasil, hoje?

Sei que não existem respostas simples para perguntas complexas, mas é uma frase que me move, move a minha luta: não cortaremos os pulsos. Ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas que estão abertas.

É isso.

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Linda a sua fala. Muito representativa. E eu sei que você vai conseguir também se eleger vereadora de Salvador. Ela é candidata,

gente. Pré-candidata a vereadora de Salvador em 2020. Foi funcionária concursada da Embasa e também da... (pausa)

A Sr.^a AMANDA BRITO: Petrobras Distribuidora.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Petrobras Distribuidora. Tem sofrido muito com esse desmonte que está acontecendo na Petrobras. Mas nós juntas aí também para defender o patrimônio nacional.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo imediatamente a palavra à deputada Jusmari. E, em seguida, a nossa Edna Maia, por favor, já se posicione, porque assim que a deputada concluir, nós vamos passar para que o Plenário volte a falar. E a primeira será Edna Maia.

A Sr.^a JUSMARI OLIVEIRA: Vou concluir rapidamente. Serei muito rápida. Apenas quero marcar a minha participação nesse Parlamento Feminista, até porque eu acho que não tem necessidade de eu falar. São tantas mulheres falando coisas tão importantes e coisas tão inéditas, como Amanda falou agora aqui, que a gente tem vontade mais é de ficar ouvindo do que de falar.

Mas eu não posso deixar de falar da minha alegria e da minha honra de estar aqui, hoje, nesse Parlamento Feminista junto com todas vocês, mulheres de todos os lugares, de todas as formas, de todas as lutas, de todas as dores e, também, de todas as vitórias, unidas num único compromisso.

O nosso compromisso, hoje, no Parlamento Feminista é aprovarmos uma pauta que será encaminhada aos governos: ao governo federal – sim, vamos encaminhar mesmo que ela não seja vista –, aos governos estaduais, a todas as instituições e a todas as instâncias que possam ter poderes decisivos, deliberativos sobre a vida dos brasileiros, onde nós nos incluímos e queremos o nosso direito de ser tratadas, não com igualdade. Nós queremos a igualdade, mas, infelizmente, para que nós mulheres tenhamos a igualdade, nós temos que ser tratadas, nessas instâncias de decisões e, principalmente, na aplicação de recursos públicos, temos que ser tratadas com equidade.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Nós, literalmente, precisamos que seja colocado um banquinho para que nós possamos subir e nos colocarmos na mesma altura que os homens.

Eu vi aqui mulheres do mundo que venceram, que estão no Parlamento de Cuba, a consulesa cubana, a deputada que eu sou tiete como artista, Leci Brandão, a deputada do Rio, com um discurso maravilhoso e lindo que eu vou distribuir nas minhas redes...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) também, muito mais aguerrido que o nosso, muito mais preparado do que o nosso. Mas vejo aqui mulheres, como eu já disse, de todos os movimentos, cada uma com a sua história, nesse único compromisso.

Mas o meu corpo está aqui, minha fala está aqui, o meu ouvido está aqui, minha querida presidente Olívia Santana, a quem quero render todas as homenagens, porque se fosse pela sua luta, pela sua garra, pela sua forma inédita de atuar nesta Casa...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) nós não estaríamos aqui. Então o Parlamento baiano, hoje, sabe o quanto perdeu por não ter uma mulher negra antes aqui neste Parlamento, (palmas) porque a sua atuação aqui é admirável. Mas o meu coração não está aqui, me desculpem. O meu coração está lá nas minhas rocinhas, porque foi de lá que eu vim. Na minha roça, na minha...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) comunidade rural, onde as minhas companheiras não puderam estar aqui. Elas não estão aqui para assistir, para ver de perto quanto as mulheres lutam para que elas sejam incluídas no processo de tratamento igualitário do nosso país.

Eu quero, depois, gravar um DVD... Ah, você está rindo porque é um DVD? É um DVD mesmo, porque todos sabem que a minha maior luta nesta Casa é pela instalação do sistema de sinal de celular e internet nas comunidades rurais que ainda não têm acesso à comunicação. (Palmas)

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) e não vão poder ver no *WattsApp* nem no *Facebook* a nossa transmissão ao vivo neste momento. Precisamos mandar um DVD desse evento para que elas entendam o que acontece e para que elas se esmerem na luta também em cada comunidade para liderar a luta. Sabe por que, Sr.^a Presidente e senhoras amigas...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) e irmãs, que estão aqui neste dia histórico do parlamento baiano? Porque vivemos um ciclo político em que os conservadores estão ocupando os espaços num discurso lindo, mas subliminarmente de subjugar a nossa capacidade, quando eles dizem que...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo, deputada.

A Sr.^a JUSMARI OLIVEIRA: (...) não precisamos falar de direitos de mulheres, uma vez que se falam de direitos humanos. Mas se não tratarmos as mulheres de forma diferente, os direitos humanos nunca darão a igualdade sonhada e um mundo igual...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) e próspero que todos nós sonhamos.

Por isso que nós precisamos ter cuidado, Sr.^a Presidente, e erguer trincheira nesse momento difícil em que vivemos, em que os radicais conservadores ocupam os lugares que elas aqui todas deveriam estar ocupando, para promover a revolução que nós precisamos, para cumprir a meta de igualdade...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) social de todos os seres humanos. As mulheres avançaram em nível de escolaridade, mas a nossa amiga disse há pouco ali, que quando sai da faculdade não tem espaço de trabalho, porque ainda subjagam.

E quando falo das minhas amigas e das minhas companheiras lá do interior, é por que a nossa maior luta é trabalhar para que acabemos com o pensamento machista que se impregnou...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo, deputada.

A Sr.^a JUSMARI OLIVEIRA: Vou concluir. (...) que se impregnou em todos esses anos, essas décadas, culturalmente nas mulheres e não só nos homens, porque ainda temos que ouvir mulheres que não denunciam a violência que sofrem. E não é só por medo, não, deputada Olívia, mas é porque dentro delas elas acreditam...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que realmente são um ser menor do que os homens, que ainda acreditam que a força que vence é a força física e não a força intelectual...

Participante da sessão: Conclua, companheira.

A Sr.^a JUSMARI OLIVEIRA: (...) e até por que não dizer a força espiritual. Por isso nós precisamos aqui combater muito mais esse pensamento que está nas nossas companheiras do...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) que está em nossos companheiros.

Ao Parlamento Feminista quero fazer o meu encaminhamento, porque vocês na comissão sempre me olham e acham que é utopia. Mas temos que encaminhar oficialmente que o percentual de 30% dos recursos do Fundo Partidário venha...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) para o Fundo Partidário e não só para a campanha política. Não adianta aplicar 30% dos recursos da campanha política para as mulheres. Os 30% têm que vir para o Fundo Partidário, para que de forma diuturna, para que de forma efetiva...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) se promova a capacitação das lideranças femininas em todos os lugares do Brasil, para que, em 2020, não fiquemos...

Participante da sessão: Respeite o tempo.

(...) fazendo discurso, você tem que participar. Participar como, se eu não tive oportunidade de ser capacitada...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo, deputada, por favor.

A Sr.^a JUSMARI OLIVEIRA: (...) para participar?

Então, esse é o meu encaminhamento ao Parlamento Feminista da Bahia que haverá de ser um marco...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) regulatório a todos os demais parlamentos brasileiros.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, deputada Jusmari.

Chamo imediatamente... Vamos fazer um acordo aqui: não vai servir o almoço enquanto a gente não concluir os nossos trabalhos aqui. Então, peço a todas que fiquem aqui no Plenário, por favor. Está certo? Não vai ser possível ouvir todas as falas. Nós temos 30 mulheres inscritas, aqui, e nós temos que fazer a leitura do manifesto que será aprovado aqui. Então, nós vamos ouvir três falas agora, vamos fazer a leitura do Manifesto e quando retomarmos à tarde vamos dar continuidade, primeiro, à lista de mulheres inscritas, o.k.? Para garantir a fala de todas, com qualidade.

Edna Maia, por favor. Em seguida Tainá de Paula. Cadê Edna Maia? (Pausa) Então, Tainá de Paula, por favor.

A Sr.^a TAINÁ DE PAULA: São três minutos, é? Presidenta da Mesa! São três minutos, presidenta? Toda distraída. São três minutos?

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Isso, à tarde falaremos mais.

A Sr.^a TAINÁ DE PAULA: Boa tarde, boa tarde a todas, muito bom falar todas.

Tainá de Paula, eu vim do Rio, queria fazer uma saudação, uma grata saudação, Olívia, por essa convocação aqui. Fazer da Alba o nosso quilombo feminista é fundamental, nesse momento de retrocesso, de tirada de direitos das mulheres como um todo.

E falar dois recados bem rápidos. Um para as elites desse país – a gente falou pouco sobre isso: nós não vivemos numa democracia e, obviamente, não vivemos uma democracia para as mulheres nesse país. Nós tivemos uma presidenta que foi arrancada do poder, que foi um dos maiores estupros constitucionais que essa Constituição recebeu. (Palmas) Então, este país nega as mulheres nos espaços de poderes de representação. E este Fórum, este Parlamento tem que reiterar isso. Nós vivemos numa ditadura antifeminista, antifeminina nesse país.

E um segundo recado: elites, elites brancas, misóginas, racistas nesse país, as mulheres não vão dar nenhum passo atrás. Eu vim de uma cidade que assassinou uma mulher preta que demorou 36 anos para conseguir ser construída e forjada na luta, enquanto parlamentar, enquanto ativista das mulheres. Marielle Franco não morreu...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) apenas. Ela se transformou num legado histórico, internacional da nossa luta, da nossa construção coletiva, da nossa construção ancestral e que não retrocederá nenhum centímetro sequer.

Mulheres, o que nós fizemos aqui e que nós faremos em 2020, 2022, 2024 e assim por diante se chama alternância de poder. Nós não vamos arredar pé da tomada de poder que será feminista, indígena, afro-latino-americano.

Prefeita, estamos juntas.

Obrigada. (Muitas palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Tainá.

Tainá é uma grande arquiteta urbanista. Ela estará à mesa da tarde, pois esta mesa vai bombar também. Está certo? Com a contribuição dela, ela faz um trabalho lindo e

importantíssimo sobre o espaço urbano e como há esta ocupação tão brutalmente desigual para nós, mulheres negras, principalmente.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Eu convido Edna Maia. Cadê? Voltou?
(Pausa)

Então, cadê Eslane, Eslane Paixão, da Unidade Popular?

A Sr.^a ESLANE PAIXÃO: Estou aqui. Posso falar daqui?

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Pode sim, claro!

A Sr.^a ESLANE PAIXÃO: Então, gente, bom dia a todas e a todos.

Eu me chamo Eslane Paixão. Sou moradora da Favela do Uruguai, quer dizer, era, não é? Digo isso porque, agora, sou a atual moradora da Ocupação Maria Felipa, do antigo Hospital Couto Maia, que está resistindo bravamente junto com o MLB (Movimento de Luta nos Bairros Vilas e Favelas).

Se nós estamos falando da questão das mulheres, eu queria falar, em especial, das mulheres pretas moradoras da Ocupação Maria Felipa, porque nós temos de fazer resistência, porque nossas mulheres, hoje, não têm nem sequer casa para morar. Nós estamos falando disso, nós estamos falando deste estado, desta sociedade capitalista que coloca a propriedade privada como algo sagrado e nega, para nós, o direito de ter sequer a nossa moradia.

Então, por isso, eu deixo, aqui, a sugestão de uma moção de apoio em favor da nossa ocupação.

Vejam, nós fomos para a reunião com o governo. De fato, saímos de lá com a decisão de que nós não vamos ter nenhum processo violento de reintegração. Mas, infelizmente, nós não temos certeza de nada, porque nenhum papel hoje está se valendo. Então, nós queremos deixar, aqui, esta proposta de uma moção de apoio.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Também, componho com o Movimento de Mulheres Olga Benário, que é um movimento nacional marxista e classista e que, hoje, é referência na América Latina por ter feito a primeira casa de mulheres, de referência de mulheres, fruto de uma ocupação de um prédio que estava abandonado no Estado de Minas Gerais, e não só em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, em São Paulo...

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo.

A Sr.^a ESLANE PAIXÃO: Hoje, nós temos casas que atendem mulheres vítimas de violência. Nós precisamos, de fato, confrontar este estado.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

E eu sou, também, presidenta estadual de um partido, um partido que acaba de ser fundado e que eu me orgulho muito de dizer que não foi fundado com um centavo dos ricos deste país. (Palmas) Trata-se de um partido do povo pobre, do povo preto. Por isso, também, o nosso partido tem como presidente e vice-presidente um homem negro e uma mulher negra. São homens e mulheres que estão na luta com a militância,

com a disposição de derrubar este estado capitalista, porque se é verdade que nós estamos falando sobre nossas vidas...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo, companheira.

A Sr.^a ESLANE PAIXÃO: Para concluir, é verdade que nós não vamos ser poder, é verdade que nós não vamos conquistar igualdade de fato enquanto nós não derrubarmos este estado capitalista e construir uma revolução socialista, como os camaradas deixaram a lição.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Por isso, agradeço muito a este espaço.

Saúdo esta Mesa e todas as guerreiras presentes, porque eu me sinto muito contemplada.

Então, vamos seguir firmes na luta para derrubar este governo fascista de Bolsonaro, porque este, sim, representa um crime para nossas vidas.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo.

A Sr.^a ESLANE PAIXÃO: Vamos dar as mãos e vamos seguir unidas. Mas vamos estar, primeiro, na luta, nesta luta de classes que nos mata todo santo dia.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Nós, mulheres pretas, vamos à luta, companheiras!

Estamos juntas! (Muitas palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, Eslane.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo, imediatamente, a palavra para a secretária de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia, Fabya Reis.

Em seguida, vamos ler o nosso manifesto para o plenário se posicionar e votar. O. k.?

A Sr.^a FABYA REIS: Boa tarde a todas as companheiras.

Quero saudar esta alta Mesa na pessoa da presidenta da comissão, deputada Olívia Santana; também, a deputada Jusmari, a componente da comissão; e a deputada Neusa Cadore.

Gostaria de justificar a minha chegada no meio da sessão. Nós estávamos na Conferência de Ciência Tecnologia e Inovação. Naquela oportunidade, lançávamos o edital para pesquisadores e pesquisadoras sobre as doenças prevalentes na população negra.

Mas eu não poderia deixar de estar presente a este momento histórico desta Casa. Todas as oradoras que me antecederam trouxeram significados histórico e revolucionário de termos o Parlamento Baiano instalado por esta comissão de mulheres para a gente falar do que é a base de transformação da nossa sociedade, pois esta é,

justamente, a participação das mulheres nas decisões que constroem este país e esta nação.

Portanto, dentre todas as que me antecederam, eu quero trazer o destaque de que a luta feminista, ela, sim, precisa da nossa sororidade, ela, sim, precisa da diversidade das mulheres.

Mas o nosso compromisso é construir uma plataforma para a gente poder, também, trabalhar a diversidade de representação das mulheres do candomblé, pois, hoje, elas estão aqui.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Nós sabemos o direito constitucional de cada pessoa ter a religião que quiser, de cada pessoa ter a religião que quiser ou nenhuma. Este é um direito constitucional. Quanto às representações dos intolerantes, nós temos visto, nas assembleias municipais, as representações do discurso da intolerância.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Nós queremos ver representado também. Eu quero aqui marcar e dizer da importância de puxarmos as companheiras tradicionais quilombolas, indígenas, marisqueiras, pescadoras, as mulheres ciganas para esta grande convocação de agenda, porque, em 2020, nós precisamos ter no Parlamento.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Foi dito a frase de Angela Davis que quando as mulheres, as mulheres negras se movimentam, elas arrastam toda a sociedade e que esse aspecto do racismo estrutural, interseccional com o sexismo, com o machismo, com LGBTfobia, ela faz a sustentação desta sociedade capitalista e conservadora, que impede as mulheres de viver, que impede os segmentos tradicionais de viver.

O que faz o racismo, na sua eficiência, ser o tema, deputada Olívia, deputada Neusa, desta semana, nos nossos últimos dias, deputada Leci, de fazer um companheiro, um homem negro dizer que o racismo no Brasil nada representou.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Isso é o racismo na sua eficiência, colocando índios contra índios, colocando negros contra negros, colocando as mulheres contra as mulheres para fazer o discurso conservador capitalista de direitos. (Palmas)

Nós vamos entender que a nossa plataforma é a de libertar toda uma sociedade (palmas), que a nossa plataforma é a de um novo pacto civilizatório e civilizacional (palmas).

Isso faz com que a companheira africana traga a sua reivindicação, que faz a companheira Amanda dizer que nós temos, na invisibilidade, mulheres com deficiência, uma sociedade com deficiência que não é percebida.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Portanto, aqui é a construção de uma plataforma de um novo projeto político que vai ser levado e gestado pelas mentes e pela força dos corpos das mulheres na sua diversidade.

Quero saudar este Parlamento.

Ao mesmo tempo, também, quero dizer que nós seguimos juntas, companheiros e companheiras!

Ressalto que todas as vidas, como a da companheira Elitânia, que foi matada pelo machismo, foi matada pelo racismo, porque era uma jovem quilombola que adentrava à universidade, com a sua potência, com o seu modo de vida, para ensinar como a gente pode construir um outro poder político. Por isso, ela foi assassinada.

A falada e mencionada companheira Marielle Franco era uma mulher negra, gestada nas comunidades, e foi silenciada, também, com o conluio de uma institucionalidade que mata quando não quer ver traduzido o poder popular, a voz de toda a maioria da população.

Portanto, sigamos juntos nesta grande plataforma!

Desejo que, em 2020, nós comecemos, efetivamente, a eleger o conjunto da representatividade das mulheres. Mas vamos, sim, lembrar das vulnerabilidades e das interseccionalidades da opressão.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Quanto às mulheres trans, às mulheres bissexuais, às mulheres lésbicas, às companheiras tradicionais desta terra, elas podem, também, se fazer perceber.

Podem contar conosco!

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Concluindo.

A Sr.^a FABYA REIS: Eu quero saudar esta iniciativa e desejar vida longa ao nosso grande Parlamento Feminista e a esses mandatos coletivos construindo com a força popular.

Vida longa às mulheres! (Palmas)

Vida longa às mulheres tradicionais e às mulheres negras! (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, companheira, secretária Fabya.
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero, também, com muita propriedade, saudar a presença de Maria Marighella, neta do grande Marighella, que, hoje, faria aniversário. (Palmas) Saúdo a sua presença. Que bom que você é parte desta luta por emancipação. Ela está ali. Levante-se!

(A Sr.^a Maria Marighella levanta-se no plenário.)

Isso! Maria Mariguella! (Palmas) A luta por justiça continua!

A Sr.^a Margarida Fiúza de Melo: Questão de ordem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Bem, vou pedir agora que a deputada...

A Sr.^a Margarida Fiúza de Melo: Questão de ordem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Por favor, há um pedido de questão de ordem. Vá, ali, ao microfone, por favor, companheira.

Com a palavra a Sr.^a Margarida Fiúza de Melo.

A Sr.^a MARGARIDA FIÚZA DE MELO: Eu sou Margarida Fiúza de Melo, pesquisadora do Instituto de Botânica, em São Paulo.

Eu quero, apenas, relatar o que eu acabei de presenciar nesta Casa. Fui ao banheiro. Você não pôde estar lá. Digo isso, porque esta Casa só tem o acesso para homens com deficiência.

Por favor, que fique registrada esta denúncia!

Esta Casa não é dos homens, tá? Perdão por eles. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Obrigada, companheira.

Nós, quer dizer, inclusive, eu, a deputada Fabíola e as demais parlamentares já sinalizamos para a Casa a necessidade de se estabelecer uma política de acessibilidade para todos os espaços da Assembleia Legislativa da Bahia.

Existe uma norma nacional de acessibilidade que a Casa Legislativa precisa acatar e realizar. Inclusive, a nossa deputada Maria del Carmen é membro da Mesa também e já fez parte deste diálogo e desta interlocução com a Presidência da Casa, que já se comprometeu com a promoção dos ajustes necessários para a Assembleia Legislativa ter um espaço de acessibilidade para todas e para todos. O. k.?

Então, muito obrigada, pela contribuição e pela questão de ordem feita pela companheira.

Passo a presidência dos trabalhos

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo a presidência dos trabalhos para a nossa deputada Neusa Cadore.

Peço a todas, que estão do lado de fora, por favor, para adentrarem ao plenário, porque nós vamos fazer, agora, talvez, o ato ainda mais importante a partir de toda esta escuta que foi feita e de reflexão sobre esta questão das mulheres no poder.

Nós vamos ler e submeter à aprovação o manifesto do Parlamento Feminista, ou seja, a *Carta de Salvador*, levando em conta que, também, no turno da tarde, nós teremos a continuidade de levantamento das propostas, porque o Parlamento só termina às 17 horas. Nós vamos ter, na assembleia feminista, também, um conjunto de propostas a ser aprovado e analisado pelo coletivo para ser parte de uma publicação deste Parlamento.

Nós vamos encaminhar, imediatamente, este manifesto para a Câmara dos Deputados, para o Tribunal Superior Eleitoral, para o Senado, para o PNUD e, também, para a ONU Mulheres.

Este é um momento muito especial. Peço a todas mais este momento de atenção para a gente, depois, liberar para o almoço.

Passo a presidência dos trabalhos para a deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Obrigada, deputada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Lembro a todos que este manifesto foi construído coletivamente, inclusive com a participação de várias organizações do

movimento social que estiveram na nossa comissão e deram valiosas contribuições. Agora, a gente vai submeter a este Plenário.

Com a palavra a deputada Olívia Santana

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Passo a ler a Carta de Salvador do Parlamento Feminista da Bahia.

(Lê) “Carta de Salvador por mais mulheres nos espaços de poder

Somos mulheres diversas e lutamos por representatividade nos espaços de poder político e econômico, pelo fortalecimento da autonomia e dos nossos direitos sexuais e reprodutivos, contra todas as formas de violência.

Nós, mulheres de diferentes correntes e partidos políticos, de diferentes etnias, negras, brancas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, mulheres com deficiência e com filhos(as) com deficiência, trabalhadoras, desempregadas, trabalhadoras rurais, trabalhadoras domésticas, sem teto, em situação de rua, mulheres em situação de tráfico internacional, mulheres em situação de prostituição, em cárcere, empresárias, servidoras públicas, juristas, chefas de família, mulheres heterossexuais, cis, lésbicas, trans, bissexuais, livres, nos encontramos unidas neste Parlamento Feminista numa perspectiva de acesso aos espaços de poder e da edificação de um poder mais humano, livre de preconceitos, antirracista, diverso, contra a política econômica ultraliberal, que faz crescer a pobreza e a fome entre uma maioria de mulheres e suas famílias, principalmente as negras e indígenas.

Lutamos por uma sociedade com relações mais justas de produção, que estimule sistemas colaborativos e solidários, contra as desigualdades e a grande concentração de renda que avança no Brasil, entre outras mazelas do neoliberalismo, contra o avanço do pensamento ultraliberal e ultraconservador, contra o neofascismo. Queremos uma sociedade mais justa e igualitária, que cultive uma cultura de paz e respeito às diferenças.

O empoderamento das mulheres é estratégico para acelerar as políticas públicas de redução do quadro de violência, de gênero, e os feminicídios que vitimam, principalmente, mulheres negras e pobres na Bahia, no Brasil e em todo o mundo.

Nas últimas décadas, a legislação eleitoral brasileira apresentou avanços para o acesso das mulheres aos cargos eletivos, fruto da luta feminista por direitos. Ainda assim, a participação feminina na política enfrenta grandes desafios. A estrutura patriarcal, que reservava aos homens os espaços públicos e relega às mulheres o ambiente privado, ainda está viva no seio das relações políticas e sociais, o que exige uma mudança das estruturas partidárias e, conseqüentemente, da cultura que impacta o imaginário do eleitorado, para que a necessária paridade, baseada na representatividade de gênero, possa florescer.

O estímulo à participação de mais mulheres na política, vem por meio da chamada cota de gênero, prevista no art. 10, § 3º, da lei eleitoral. Segundo o dispositivo, cada partido ou coligação deverá preencher o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo, nas eleições para Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais.

Em maio de 2018, por unanimidade, o plenário do TSE confirmou que os partidos políticos deveriam, já para as eleições de 2018, reservar pelo menos 30% dos Recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha, conhecido como fundo eleitoral, para financiar as campanhas de candidatas no período eleitoral. Na ocasião, os(as) ministros(as), também, entenderam que o mesmo percentual deveria ser considerado em relação ao tempo destinado à propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão.

Através das cotas, tivemos um crescimento de 51% de mulheres nas eleições de 2018 se comparadas às eleições de 2014. Saímos de 51 mulheres eleitas em 2014, para 77 deputadas federais eleitas, em 2018. Nas Assembleias Legislativas, o crescimento foi de 35%. No mesmo período saímos de 119 mulheres eleitas deputadas estaduais para 163.

Assim, neste momento em que há no país uma agenda que representa retrocessos para as conquistas femininas e feministas em diferentes dimensões da vida social, que ameaça as cotas de candidatas e fundo eleitoral para as candidaturas de mulheres, este parlamento feminista se posiciona em defesa dos seguintes mecanismos de fortalecimento da democracia representativa e de promoção de mais mulheres nos espaços de decisão política:

1) Exige o efetivo cumprimento dos objetivos do milênio insculpidos na Agenda 2030 das Nações Unidas, da qual o Brasil é signatário, que propõe a paridade de gênero, 50% de homens, 50% de mulheres, nas instâncias de poder: Legislativo, Executivo e em todos os espaços de poder. Para alcançarmos tal objetivo é preciso manter a cota obrigatória, sim, de candidaturas de mulheres para os cargos eletivos, ampliá-la para os cargos executivos e trabalhar para o alcance da paridade, por uma sociedade sustentável e referenciada no princípio da igualdade.

2) Repudia o uso das chamadas ‘candidaturas laranjas’ e conclama o Judiciário a aplicar as medidas legais inibidoras desta fraude, punindo os partidos políticos que incorreram, incentivem, sejam coniventes, omissos ou negligentes com este tipo de prática lesiva aos direitos políticos das mulheres. As candidaturas laranjas são uma prática machista e patriarcal de dominação de homens sobre mulheres, com o propósito vil de manipular a Lei Eleitoral para transferir ainda mais recursos para candidaturas masculinas, na tentativa de destruir os instrumentos legais de promoção da equidade e de empoderamento político das mulheres.

3) Combate à propagação de notícias falsas para obtenção de vantagens eleitorais e políticas, as chamadas ‘*fake news*’, que têm se configurado como uma violência hedionda contra a democracia, que manipula a realidade e distorce a vontade do povo, motivo pelo qual insta o Ministério Público a fiscalizar e o Poder Judiciário a adotar medidas que combatam, punam e inibam esse tipo de crime.

Seguimos em luta pela emancipação das mulheres...”

Por isso, defendemos ainda a incorporação dos seguintes artigos que foram colhidos das falas das companheiras aqui:

4) Propõe a criação do Fundo Estadual de Financiamento de Políticas Públicas de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, com o fortalecimento também dos

orçamentos da Secretaria de Políticas para as Mulheres do estado e da Secretaria da Promoção da Igualdade Racial, porque o racismo e o machismo, quando se juntam, pioram ainda mais as condições materiais de existência das mulheres.

5) Propõe a instalação de antenas de celular e internet nas comunidades rurais visando o empoderamento das mulheres e a conexão mais rápida, mais ágil, usando a tecnologia contra a segregação de mulheres em suas comunidades rurais, indígenas, ribeirinhas e segmentos afins.

6) Propõe que o percentual de 30% do recurso do fundo eleitoral, essa cota de 30%, ela também seja aplicada no fundo partidário para investir na formação de mulheres, no incentivo à participação das mulheres na política, no encorajamento de mulheres, para que essas mulheres possam, sim, se candidatar, porque o encorajamento passa também pelo financiamento.

As mulheres, muitas vezes, não querem ser candidatas porque sabem que não vão ter recursos financeiros para sustentarem as suas campanhas. Então, feitas essas incorporações à nossa Carta de Salvador, nós (lê) “(...) seguimos em luta pela emancipação das mulheres, pelo fortalecimento das nossas conquistas, pela equiparação salarial no mercado de trabalho, pelo acesso às oportunidades nos espaços estratégicos de decisão. E não aceitaremos nenhum retrocesso.

Lutamos contra as narrativas que nos objetificam, objetificam os nossos corpos e tentam nos colocar como eternas adversárias de nós mesmas. Estamos dispostas a nos escutar e acolher, afastando qualquer possibilidade de voltar, esse sistema, a nos silenciar. Lutamos pela nossa liberdade, pelo fim de todas as formas de violência contra as mulheres, pelo aumento dos investimentos dos fundos de financiamento dos quadros femininos, em defesa das cotas eleitorais nas casas legislativas, contra a violência política e contra toda a forma de preconceito, a favor da liberdade que cada mulher tem de construir a sua própria trajetória.

Estamos juntas, de mãos dadas, e não daremos nenhum passo trás, todos os passos adiante.”

Esta é a Carta de Salvador que nós submetemos, neste momento, à apreciação e aprovação deste Plenário tão representativo da diversidade de mulheres baianas, brasileiras e mundiais, porque as africanas estão aqui, as latino-americanas também estão aqui representadas. É isso, companheiras, e nós pedimos às mulheres que aprovam este manifesto...

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a Dra. Fabíola Mansur: Pela ordem, deputada.

A Sr.^a Olívia Santana: Uma questão de ordem da deputada Fabíola Mansur.

A Sr.^a Fabíola Mansur: Parabenizá-las pelo manifesto, mas eu queria incorporar ao item 6, que trata do fundo eleitoral, um parágrafo que exija dos partidos políticos a distribuição democrática, republicana e transparente desses 30%, de modo a garantir acesso representativo à diversidade das mulheres, porque eu acho isso um ponto fundamental, não basta só os 30%. Nesse mesmo parágrafo, deputada Olívia, “dividir”

em vez de “fazer” o fundo partidário. Como o fundo eleitoral, criar um novo parágrafo falando do fundo partidário, porque eu acho que isso ratifica a importância dos 30% do fundo partidário para as ações de capacitação.

Por fim, queria submeter à Assembleia se não seria muito mais forte, já que estamos na Assembleia Legislativa da Bahia, já que o Parlamento é da Bahia, já que a gente tem a carta na Bahia, porque a Bahia é resistência contra esse governo entreguista, ultraliberal... Eu acho que, em que pese ser em Salvador, a “Carta da Bahia” parece ter muito mais força para a gente fazer esse grande, marcante e histórico momento da luta das mulheres, que parte da Bahia, terra mãe do Brasil. Aqui nós haveremos de resistir com as companheiras do Rio, de São Paulo, do país inteiro, de Cuba, da África, mas é aqui, com a sua liderança, que este manifesto nasceu. Então, são essas as minhas considerações.

A Sr.^a Olívia Santana: Obrigada, deputada Fabíola, particularmente gostaria de incorporar a contribuição da deputada, passo para a presidente Neusa também se pronunciar sobre a sugestão.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): A gente agradece, deputada Fabíola, a senhora que já presidiu esta comissão e tem um mandato muito representativo, reconhecido, é a deputada que teve a sua votação mais do que duplicada do primeiro para o segundo mandato, então incorporamos essa sua sugestão que mais ainda enriquece a nossa Carta de Salvador.

Muito obrigada... Carta da Bahia.

A Sr.^a Cristina Gonçalves: Olívia, uma questão de ordem. Uma questão de ordem.

A Sr.^a Olívia Santana: A deputada Fátima tem uma questão de ordem e a companheira também...

A Sr.^a Cristina Gonçalves: Cristina Gonçalves...

A Sr.^a Olívia Santana: Cristina.

A Sr.^a Cristina Gonçalves: Eu tive que me retirar por 1 minuto e eu não vi totalmente a leitura da carta, eu gostaria de saber se as mulheres com deficiência foram citadas?

A Sr.^a Olívia Santana: Também, com certeza.

A Sr.^a Cristina Gonçalves: Ah! Muito obrigada.

A Sr.^a Olívia Santana: Deputada... desculpe, deputada Neusa. Deputada Fátima.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Deputada Fátima.

A Sr.^a Fátima Nunes Lula: A minha questão de ordem eu quero após a aprovação do manifesto. Após a aprovação, eu quero fazer a saudação.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): O.k.

A Sr.^a Karine Eloy: Bom dia, boa tarde quase. Deputada Olívia, eu escutei um pouco todas as falas, eu sou Karine Eloy, sou cientista social, estou aqui acompanhando a partir da Mídia Ninja, eu queria fazer um adendo: como a senhora colocou nas categorias os trabalhadores, trabalhadoras, mulheres assalariadas, desempregadas, eu queria... Não... não estou falando por elas, quero deixar aqui claro. Como pesquisadora

do trabalho sexual aqui na Bahia, eu queria pensar na possibilidade de colocar também o trabalho sexual como uma figura, porque no Parlamento Federal já vem se debatendo com a Mesa suprapartidária feminina sobre o trabalho sexual e a regulamentação desse trabalho.

Como a gente está na Bahia e como na Bahia principalmente os corpos negros das mulheres vêm sendo “exotificados”, eu gostaria que a gente apreciasse essa questão também, tendo em virtude que algumas lideranças que eu conheço, e mediadores também, não estão nesse lugar. Como o Parlamento é feminista, e elas reivindicam um feminismo que está para além da moral, se nós mulheres podemos pensar sobre o que é o trabalho sexual, queria que a gente pensasse sobre isso também.

Obrigada.

A Sr.^a Olívia Santana: O.k., você está propondo a inclusão entre... o.k., as mulheres trabalhadoras do sexo, o.k.? (Palmas)

A Sr.^a Karine Eloy: O.k.

A Sr.^a Olívia Santana: Incorporamos também ao nosso relatório.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Então, está sendo incorporada a sua sugestão, companheira, também na Carta da Bahia.

Tem mais alguma manifestação?

(Intervenção fora do microfone.)

Pois não. Seu nome?

A Sr.^a Jussara: Eu sou yalaxé Jussara, sou de lá do Recôncavo, de Cachoeira. Eu gostaria muito de falar sobre a invisibilidade do povo de candomblé em pleno estado da Bahia, e gostaria muito que incluísse nesta carta os povos de comunidades tradicionais, mas que citasse as mulheres de axé do Brasil, da Bahia e do Recôncavo principalmente, porque nós não temos muita voz onde nós estamos, no nosso local de fala. Então eu preciso colocar essa pauta para vocês. Adupé!

A bênção aos meus mais velhos e às outras.

A Sr.^a Olívia Santana: Só uma questão de ordem, companheiras. A minha questão de ordem é para lembrar que, no turno da tarde, nós vamos ter também o levantamento de diversas propostas. Nós precisamos ter foco no que significa este manifesto. E quando nós falamos da diversidade religiosa, foi exatamente lembrando que esta é uma carta que tem que unir todas, em que todas precisam se sentir representadas.

Nós compreendemos bem o que passam as mulheres de axé, mas quando nós fizemos a referência à pluralidade religiosa foi para que a gente tivesse também essa capacidade de fazer um esforço de se sentir representada nessa nomenclatura. Porque, no momento em que nós citarmos uma religião, nós vamos ter que citar todas as religiões, está certo?

E nós conseguimos algo que eu considero ser muito positivo neste Parlamento, que foi essa possibilidade de unir mulheres das mais diversas... mesmo na nossa comissão. Somos dez mulheres, e as mulheres evangélicas da comissão, como a deputada Jusmari, elas votaram a favor. A deputada Talita, que até não está aqui, ela votou também a favor.

Então nós queremos fazer esse apelo ao Plenário para a gente manter essa unidade entre nós, esse pacto entre nós, e não abrir a dissidência em relação a essa formulação. O.k.? Pode ser assim? Respeitando a fala da nossa companheira.

A Sr.^a Tânia Palmas: Olívia, é uma questão de inclusão. Acho que o documento é importante... Eu, inclusive, iria propor que se aumentasse o percentual da... Avançar nessa perspectiva. Mas acho que a gente precisa colocar aí na carta um compromisso do Parlamento Feminista com as mulheres em situação de tráfico, que são da Bahia, do Brasil e estão fora... Eu acho que o Parlamento tem que ser... A outra questão eu não sei se está nas mulheres em situação de prisão, mas é importante que a gente coloque também as mulheres em situação de prisão.

A Sr.^a Olívia Santana: Perfeito.

A Sr.^a Tânia Palmas: Acho que é interessante que a gente também pense em aumentar o percentual do fundo partidário.

A Sr.^a Olívia Santana: Simm!!

A Sr.^a Tânia Palmas: Isso é romper também o poder que está estabelecido lá, o de que eles decidem qual é o percentual. Era essa a minha questão de ordem. (Palmas)

A Sr.^a Olívia Santana: Isso! Isso já está no texto, Tânia, quando a gente coloca que nós estamos defendendo os nossos 30% junto, rumo, melhor dizendo, à paridade. Nós não queremos só 30%, nós queremos os 50%, e esse é o primeiro ponto das nossas reivindicações na Carta de Salvador, à qual nós estamos incorporando a proposta de ser a Carta da Bahia, obviamente.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): O.k.? Então, só para lembrar a quem está se pronunciando, a equipe de relatoria está atenta, incorporando essas manifestações que são bem importantes. O.k.?

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Pois não.

A Sr.^a Olívia Santana: Você pode repetir, companheira, essa parte final?

(Intervenção fora do microfone.)

A Sr.^a Olívia Santana: Há entre outras. O.k., O.k. , O.k. O.k.! Acatado.

Sr.^a Tânia Assis: Eu tenho uma questão de ordem.

A Sr.^a Olívia Santana: Deputada Neusa, mais uma.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Pois não.

A Sr.^a Tânia Assis: Eu gostaria que fosse incluído o direito das mães poderem escolher um tratamento eficaz para os seus filhos. Eu tenho um filho que tem epilepsia de difícil controle e não fui orientada nem encontrei pelo SUS um médico que pudesse prescrever canabidiol. Eu ouvi da grande maioria que o meu filho teria que testar todos os medicamentos até que ele estivesse em estado terminal para que eu tivesse direito a oferecer o canabidiol a ele. Isso está mudando não só a vida do meu filho, como de outras crianças.

E outra pauta: as mães de crianças especiais, principalmente as mães de crianças com microcefalia, grupo do qual eu também faço parte – o meu menino tem paralisia

cerebral e microcefalia –, estão morrendo todos os dias de depressão, algumas estão ceifando as suas vidas e a de seus filhos porque está cruel, viu, está muito cruel.

Sr.^a Joseane: Questão de ordem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Seu nome, por favor!... Joseane?

Quem pediu questão de ordem?

A Sr.^a Joseane: Questão de ordem à Mesa. Eu queria solicitar às companheiras que estão aqui no plenário que a gente possa fazer as nossas citações, porque assim eu vou fazer as minhas pela tarde e entregá-las por escrito para que gente possa compor a carta com um documento legítimo, com um documento consistente com base em todas as nossas demandas, porque quando a gente coloca aqui assim, eu acho que não dá para a gente condensar as nossas necessidades e demandas. Teremos nos grupos esse momento, e vamos colocar isso com mais ênfase para que essa Carta da Bahia, ela saia bem consistente, com a nossa representação e a nossa cara. Obrigada.

A Sr.^a Olívia Santana: Obrigada, companheira. Podemos concluir, por favor, gente?

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): A sugestão dela é que quem tenha outras sugestões apresente-as por escrito – é isso? – à tarde, nos grupos. Na verdade, eu acho que não há nenhum problema de resistência em relação ao que está sendo trazido, temos um problema de tempo.

A Sr.^a Olívia Santana: Isso.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Sr.^a Deputada...

A Sr.^a Olívia Santana: Gente, tem uma questão...

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Sr.^a Deputada...

A Sr.^a Olívia Santana: (...) Só um esclarecimento. Só um esclarecimento. Só um esclarecimento: o manifesto, gente, diz respeito à questão eleitoral, não podemos perder o foco. À tarde vamos aprovar na Assembleia Feminista todas as propostas que julgarmos que são procedentes em relação a outras áreas da vida das mulheres. O.k.?

Oradora não identificada: Só uma sugestão: que a carta pudesse ser disponibilizada na tela para que todas nós pudéssemos ler. E também, assim, referente às mulheres que serão representadas na carta, que pudesse constar também as servidoras públicas. Eu não vi esse ponto. Que as contemplasse também, porque tem as desempregadas, as trabalhadoras rurais...

A Sr.^a Olívia Santana: Servidoras da área pública e privada. O.k.

Oradora não identificada: Isso, obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Eu queria chamar a atenção do Plenário de que foi feito um esclarecimento da deputada Olívia Santana: que o manifesto deve contemplar as questões relacionadas com a nossa participação na política, mas que à tarde o tema será mais amplo, e nós vamos acolher sugestões (ou faladas, ou escritas) que serão aproveitadas para a nossa luta certamente. Deputada, o.k.

A Sr.^a Olívia Santana: Bom, companheiras, eu estou considerando que as propostas que foram aqui apresentadas, exceto a questão da saúde e a da religiosidade,

às quais a gente já fez referência... todas as outras nós estamos incorporando a este manifesto. O.k.?

Nós temos uma relatora aqui, que é a nossa Renata, que é da Comissão da Mulher da OAB, está fazendo aqui a relatoria dessas contribuições, esses acréscimos ao nosso manifesto, porque nós vamos também entregar à imprensa o manifesto que foi aprovado pela manhã.

Esta sessão do Parlamento está sendo transmitida, por isso que as nossas... por isso que ela está aparecendo nas telas, enfim, tem pessoas que estão nos assistindo também em casa, em outros espaços, o que para nós é muito importante.

Então eu quero também aqui destacar uma retificação, porque eu falei nos Objetivos do Milênio, e na verdade são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a Agenda 2030, que é a retificação que nós vamos fazer aqui na matéria. O.k.?

Então, feita essas contribuições, eu peço à deputada Neusa que as submeta à apreciação do Plenário, de preferência por contraste e aclamação.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Eu gostaria de solicitar a atenção de todas as pessoas que estão aqui, foi lida esta importante Carta da Bahia com a contribuição de vários atores e ator... de várias “atoras”. E agora...

A Sr.^a Olívia Santana: Várias atrizes...

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Várias “atoras”.

A Sr.^a Olívia Santana: Atrizes...

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): E agora é o momento da gente, aqui, com a contribuição de vocês, fazer este momento importante de aprovação do nosso manifesto.

Eu queria que isso fosse feito de forma... com muita energia. Convido as pessoas, as mulheres aqui presentes, para se levantarem em sinal de aprovação ao nosso manifesto.

A Sr.^a Olívia Santana: Levantem seus crachás, mulheres!

Fica aprovado o *Manifesto das Mulheres por Mais Mulheres nos Espaços de Poder*, do Primeiro Parlamento Feminista do estado da Bahia e do Brasil. (Palmas)

Nós acabamos de aprovar a *Carta da Bahia*, que é também uma carta brasileira, porque temos deputadas do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco. Temos também referências internacionais, como a deputada cubana, temos essa Frente de Mulheres Africanas. Para nós, é uma grande recepção vocês estarem aqui também testemunhando este momento. Então, este Parlamento, que seria local, hoje é um Parlamento nacional, com repercussão internacional.

Salve as mulheres, a luta e a unidade feminista – baiana e brasileira.

Vou pedir a todas que se mantenham nesse lugar, deputada Neusa, para que a gente possa também descer da mesa, se somar ao plenário e pedir aos fotógrafos que subam para fazerem uma foto muito representativa de todas nós, na horizontalidade. Todas iguais aqui embaixo, no plenário, para fazer essa foto histórica.

Peço às mulheres que desçam também das galerias, que venham se somar a essa bela fotografia no plenário.

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Queria registrar a presença do deputado Robinson Almeida, agradecer a sua visita ao nosso Parlamento Feminista. O deputado Aderbal Caldas também esteve aqui com a gente.

Declaro encerrado o ato do Parlamento Feminista no dia 5 de dezembro, aqui na Assembleia Legislativa da Bahia.

Muito obrigado.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.